



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Sociologia

**Antônio Cecílio Barboni Júnior**

# **O Regionalismo em Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo: uma análise entre a sociologia e a literatura**

**MONOGRAFIA**

**Brasília  
2017**

**Antônio Cecílio Barboni Júnior**

**O Regionalismo de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo:  
uma análise entre a sociologia e a literatura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
departamento de sociologia, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do título de  
bacharel em sociologia.

Orientador: Sérgio Barreira de Faria Tavolaro

Brasília  
2017

Antônio Cecílio Barboni Júnior

O Regionalismo de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo: uma análise entre a sociologia e a literatura/ Antônio Cecílio Barboni Júnior. – Brasília, 2017.

Orientador: Sérgio Barreira de Faria Tavolaro

Monografia – Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Sociologia, 2017.

**Antônio Cecílio Barboni Júnior**

**O Regionalismo de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo:  
uma análise entre a sociologia e a literatura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao departamento de sociologia, como  
parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de bacharel em sociologia.

Trabalho aprovado. Brasília, 30 de novembro de 2017:

---

**Sérgio Barreira de Faria Tavolaro**  
Orientador

---

**Luís Augusto Sarmento Cavalcanti de Gusmão**  
Convidado 1

---

**Eduardo Dimitrov**  
Convidado 2

**Brasília**  
**2017**

*Dedico aos meus pais, Antônio e Ana, que mesmo distantes nas Minas Gerais foram sempre fundamentais na minha trajetória.*

## Agradecimentos

O processo de pesquisa, reflexão e escrita é difícil. O caminho para o aprendizado desse processo não é outro senão sua própria prática, cercada por muitas falhas e erros; uma prática contínua de construção, derrubada e reconstrução de hipóteses, de análises, e, por vezes, o único guia torna-se a pergunta inicial. Entretanto, nem ela própria parece impedir as perdas ao longo do caminho, mas definitivamente ajuda nos encontros e reencontros do próprio autor. Não significa que o produto final tenha a capacidade de transmitir completude; perguntas sem respostas, ambiguidades e contradições ainda o cercam; mas proporciona, ao mesmo tempo, caminho para novas formulações e contínuo aprendizado.

Por trás desse trabalho, se por um lado a paixão, conforme afirmou Max Weber em seu *Ciência como Vocaçao*, foi elemento essencial na medida que se converteu em combustível para superar as dificuldades, ou melhor, reinterpretá-las como desafios a serem superados ao longo da pesquisa, por outro lado devo reconhecer que há um elemento coletivo nessa produção, e cabe aqui mencionar e agradecer aquelas e aqueles que contribuíram dessa forma.

A vida de um estudante não pode ser bem compreendida sem que ao menos se faça menção às inúmeras professoras e aos inúmeros professores que fizeram parte de sua jornada. Devo dizer que tais mestres que conheci desde o princípio com meu ingresso às instituições de ensino foram fundamentais. O incentivo à curiosidade, o exemplo de paixão pelo processo de aprendizagem, as muitas lições e conselhos, a crescente construção de autonomia intelectual, permeiam toda essa história. Talvez seja em alguma medida injusto tratar com tamanha generalidade de tantas pessoas que contribuíram na minha formação, só que mais injusto ainda seria nomeá-las correndo o risco de deixar algumas para trás.

Entretanto, uma em particular deve ser mencionada por ter sido fundamental na construção desse trabalho: meu orientador Sérgio Tavolaro. As muitas conversas, discussões, indicações de caminhos e reflexões não podem ser deixadas em segundo plano. E se há algum mérito e valor nesse trabalho tudo isso contribui para explicá-los, pois definitivamente o mero trabalho individual não seria capaz de fazê-lo. Em especial sua ajuda foi fundamental para o aprendizado que cerca o processo de escrita, na leitura atenta aos textos que lhe enviei, na correção esmiuçada, nas sugestões sempre inteligentes, e na presença bem disposta e alegre para o que quer que fosse necessário: tudo aquilo que cerca um grande professor.

Meu trabalho também foi influenciado por grandes intelectuais, pois afinal uma das formas de aprendemos a fazer bem algo é seguir os caminhos que já foram traçados. Obras de pensadores como Lepenies, Auerbach, Cândido, Waizbort aparecem ao longo dessa monografia não apenas diretamente através de citações que motivaram questões e reflexões, mas também num esforço de elaboração formal do próprio texto - que definitivamente foi bem mais modesto do que as obras de maior inspiração e fôlego desses autores. Minha participação no VII Ateliê do Pensamento Social realizado durante esse ano em São Paulo também foi essencial, já que lá pude entrar em contato com vários temas e questões semelhantes aos meus, além, é claro, do próprio processo de construção da pesquisa, a dimensão do artesanato intelectual como definiria Renato Ortiz, que imprimiu nova direção ao contribuir na reorientação de meu trabalho.

Não posso deixar de mencionar, ainda mais pela importância que tiveram e que transcende a esfera acadêmica, o papel de minhas colegas e meus colegas do Programa de Educação Tutorial - PET/SOL-UnB. Lá tive a felicidade de debater com algumas pessoas questões de interesse comum e que perpassam todo esse trabalho através da relação entre sociologia e literatura. Para além disso, o ambiente de descontração e amizade tornou bem mais saudável e agradável o espaço acadêmico. Se fosse de outra forma, não posso deixar de supor que ele seria mais hostil, estressante, quase predatório em meio às suas disputas meritocráticas e de vaidades que mal se contem. Nesse sentido a pequena e simples salinha do ICS onde pude estar com frequência nos últimos dois anos foi quase sempre sinônimo de felicidade. Cabe também citar os nomes de meus amigos Wanderson e Flávio pela leitura, correções e sugestões desse texto, aos quais se dedicaram mesmo em pleno final de semestre - que é sempre muito atribulado.

Por último, mas com certeza fundamental, devo aqui saudar o pilar que me edificou e continuou a me sustentar como ser humano: minha família. Na minha caminhada pela vida esse elemento explica em grande medida o que sou hoje, mas também aquilo que viso me tornar. Em especial aos meus pais, apesar da distância que separa o sul de Minas da capital nacional, a ligação e a inspiração em pessoas que estiveram sempre presentes na minha vida e que me ensinaram através de suas próprias ações os valores sobre os quais eu me sustento não podem ser desconsideradas em seu impacto sobre meus esforços nesse trabalho. A dedicação e paixão que estão por trás do que eu faço nada mais são do que aquilo que aprendi com eles.

"Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance"

Antônio Cândido, *O Direito à Literatura*.

## Resumo

Este trabalho pretende se debruçar sobre a seguinte questão: a literatura, ou um determinado olhar literário de forma mais geral, é possível ser utilizada como uma ferramenta que contribua nas análises da realidade social? Nesse sentido analisou-se a obra *Sobrados e Mucambos* de Gilberto Freyre e *Fogo Morto* de José Lins do Rego, autores que escreveram a partir de uma perspectiva que se valia tanto da estética literária quanto do olhar sobre o processo social. Para além disso, foi importante a compreensão do contexto biográfico, social, político e artístico no qual esses autores se encontravam, sobretudo no que se refere ao Regionalismo pernambucano.

## Sumário

### Sumário

Agradecimentos .....	2
Resumo .....	5
Sumário .....	6
Introdução .....	7
1. Algumas Questões Teóricas importantes .....	11
1.1. Sociologia e Literatura .....	11
1.2. O Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista	15
1.3. Freyre e Rêgo: amizade iniciada na literatura .....	20
2. Gilberto Freyre entre as Ciências Sociais e a Literatura .....	24
2.1. Formação de Freyre .....	25
2.2. Produção Acadêmica .....	28
2.3. Sobrados e Mucambos: a literatura na sociologia .....	31
2.4. Dona Sinhá e o Filho Padre: a sociologia na literatura .....	36
3. José Lins do Rego: o romancista da decadência .....	41
3.1. "O engenho está de fogo morto" .....	43
3.2. Texto e Contexto na discussão de Fogo Morto .....	53
Considerações Finais .....	55
Referências Bibliográficas .....	58

## Introdução

Essa pesquisa partiu do interesse em explorar na obra de Gilberto Freyre a constelação de disciplinas movimentada por esse autor para compreender a realidade social no Brasil<sup>1</sup>. Particularmente, interessava a relação entre duas: a sociologia e a literatura, em um contexto nacional no qual nenhuma delas estava devidamente institucionalizada nas academias, e que justamente por isso tinham entre si limites mais fluídos.

Tendo isto em vista, foi analisada parte da fortuna crítica desse autor, bem como a obra *Sobrados e Mucambos* em específico, o que se justifica por ser ela, na minha visão, uma reflexão mais bem desenvolvida e madura da realidade social no Brasil, fundamentalmente do período de início da industrialização e modernização brasileira, ou "re-europeização" como aponta Freyre, que mais interessa aqui.

A relação entre sociologia e literatura na obra de Freyre é fundamental, não só em termos de inspiração do autor, mas também na forma como ele desenvolveu sua argumentação e seu pensamento. Sobre o primeiro ponto, Freyre partiu tanto de influências estilísticas provenientes de suas leituras da literatura, como também de temas e ideias cuja inspiração esteve nessas obras – a maioria das quais ele teve acesso no período de estudos nos EUA. Por outro lado, ele próprio reconheceu que a literatura foi elemento central na sua obra para além do estilo de escrita, que a princípio seria o mais óbvio: como um método de análise da realidade social, uma forma de vê-la e explorá-la (FREYRE, 1968). Todos esses pontos serão explorados de forma mais aprofundada ao longo do segundo capítulo desse trabalho.

Entretanto, considerando esse primeiro movimento de análise da obra de Gilberto Freyre, a possibilidade de comparar esse recorte da sua fatura com alguma outra de um autor diferente, mas que também tivesse como pano de fundo referências semelhantes que associavam em alguma medida sociologia e literatura, e ao mesmo tempo um objeto de interesse semelhante, mostrou-se muito rica. Aqui entrou a análise de parte da obra de José Lins do Rego, sobretudo *Fogo Morto*. Entre esses autores há em comum não só as influências do regionalismo e um passado associado a famílias de senhores de engenho, mas também uma escrita em que sociologia e literatura dão suas

---

<sup>1</sup> Esse trabalho foi realizado ao longo de uma pesquisa de iniciação científica, que foi uma primeira base para elaboração do presente estudo.

contribuições, em maior ou menor grau, num esforço de expressar e dialogar com a realidade social.

Como aponta Lepenies (1996), o processo de institucionalização da sociologia esteve sempre sujeito a uma série de contingências, e teve uma relação muito próxima da literatura em seus primeiros anos enquanto disciplinas que se propunham a analisar a realidade social. No caso do Brasil não parece ter sido diferente, e especificamente na figura de Freyre essas contingências não foram menos importantes, na medida que esse autor sempre produziu suas obras estando entre uma série de disciplinas, e se valendo dessa característica para imprimir um tom particular a sua análise da vida social, visando atingir a compreensão da vida íntima de certos segmentos da população brasileira.

José Lins do Rego, apesar de uma formação acadêmica que não tenha passado pelas letras ou pelas ciências sociais estritamente – o que seria mesmo impossível dada a não institucionalização dessas disciplinas no contexto acadêmico brasileiro – como foi a de Freyre no exterior (ao menos através do contato com professores que lecionavam na direção de reflexões específicas dessas disciplinas), também imprimiu em suas obras preocupações que perpassavam não só a estética literária, como questões que são caras a sociologia, no que tange às mudanças da paisagem social no contexto de modernização dos engenhos de açúcar do nordeste. E se em Freyre me interessou como alguns aspectos da literatura podem contribuir para a análise de uma obra que se volta para a realidade social, em José Lins e questão será como a literatura em si pode jogar luz sobre o processo social.

Ainda nessa lógica um outro paralelo a partir de Freyre e Lins do Rego é possível, desde que feita uma ressalva contrafactual: dadas as contingências e especificidades desse período, e da própria história de Freyre, é possível pensar que a sua obra seria algo completamente diferente caso ele tivesse baseado sua produção mais sobre a literatura do que sobre a sociologia; o próprio autor dá algumas pistas sobre como teria sido isso em um romance publicado com o título *Dona Sinhá e o Filho Padre*. Afinal, como argumenta Pallares-Burke (2005), sua trajetória não foi linear, ele não tinha desde o princípio em mente produzir sua trilogia da história do Brasil; antes sua primeira ideia parece ter sido escrever um livro sobre a infância (algo como "The Child Life in Brazil"), tema que o aproximaria ainda mais de Lins do Rego, na medida que esse último baseou sua primeiras histórias em acontecimentos de sua própria infância, inclusive narrando-as em primeira pessoa (CHAGURI, 2007).

A intenção com esse exercício não é de reduzir a obra de José Lins do Rego a mero espelho de uma escrita freyreana, seja por suas influências - fundamentalmente a partir do regionalismo e dos contatos literários que Freyre proporcionou a esse autor - seja pelas semelhanças na forma de construção das obras - o romance de Freyre também parte da inspiração em histórias reais e está o tempo todo preocupado com o contexto social dessa história, não só construindo-a a partir dele como também refletindo e produzindo conhecimento.

Antes, o objetivo é elucidar através de um exemplo da literatura como o próprio Freyre acreditaria que essa perspectiva seria capaz de lançar luz sobre aspectos da realidade social, na associação daquilo que Antônio Cândido definiu como texto e contexto, entre forma literária e processo social. Para esse autor a relação entre texto e contexto para pensar o espaço da realidade social na obra literária não deve servir como determinante (talvez a grande diferença face a uma obra como *Sobrados e Mucambos*), mas ainda assim tem um papel secundário na sua estrutura. Creio que com essa comparação é possível pensar o problema que cerca esse trabalho: de que forma sociologia e literatura podem estar associadas na compreensão da realidade social?

Dessa forma me parece que inverto a questão que em geral permeia a relação dessas duas esferas de conhecimento, que é como a sociologia pode contribuir para a interpretação da obra literária, para como a literatura pode ser uma ferramenta metodológica da própria sociologia, e assim contribuir com a análise social. É essa a hipótese da qual parto e que orientou as leituras feitas para essa pesquisa.

Após essa breve apresentação metodológica da pesquisa, estruturei esse trabalho em três capítulos. No primeiro busquei dialogar com algumas formulações teóricas da relação entre literatura e sociologia, sobretudo a reflexão de Antônio Cândido. Além disso, explorar o contexto social em que Freyre e Rêgo desenvolveram suas obras foi outra questão chave, no intuito de identificar através do Regionalismo pernambucano quais os elementos que estariam presentes nelas, pautando uma determinada visão sobre a realidade social.

No segundo capítulo voltei minha atenção sobre Gilberto Freyre, reconstruindo, em alguma medida, sua trajetória até a publicação de *Sobrados e Mucambos*, com o objetivo de entender suas influências literárias de forma mais específica. Para isso foram centrais os trabalhos de Maria Pallares-Burke (2005) e Élide Bastos (1998), bem como a auto-reflexão de Freyre publicada com o título *Como e Porque sou e não sou Sociólogo* (1968). A partir daí busquei analisar *Sobrados e*

*Mucambos* à luz dessas leituras, mas também identificando como o próprio autor se vale da literatura como ferramenta metodológica para a compreensão das mudanças que cercam a vida íntima no Brasil do século XIX. Também foi importante a comparação com um romance publicado por ele em 1964, ajudando a entender como ele via uma obra propriamente literária - que nem por isso deixava de se voltar para questões sociais.

Já no último capítulo me voltei para José Lins do Rêgo, em movimento semelhante ao que fiz com Freyre, mas que não teve o mesmo fôlego - já que a produção sobre o autor paraibano é mais restrita do que sobre o sociólogo pernambucano. Assumi como obra chave para entender suas questões o livro de memórias intitulado *Meus Verdes Anos*, publicada pela primeira vez em 1956. Partindo dessa referência, do escritor que evoca para si próprio a imagem e a perspectiva do menino de engenho, tentei analisar o romance *Fogo Morto*, considerado obra-prima de Rêgo, com a orientação da questão de fundo desse trabalho, comparando por fim com a produção de Gilberto Freyre.

## 1. Algumas Questões Teóricas importantes

### 1.1. Sociologia e Literatura

O debate entre sociologia e literatura foi e ainda é travado em uma série de dimensões, sobretudo no que tange à compreensão da obra de arte. Considerando o problema dessa pesquisa, procurei visitar esse debate através de algumas figuras que considero chave, e que têm o potencial de lançar luz sobre as possíveis interseções entre essas duas esferas.

Antes devo fazer uma ressalva do porquê voltar o olhar sobre elas, que se justifica com um trabalho que, em parte inspirou a presente investigação: *As Três Culturas*, de Wolf Lepenies (1996). Nesse livro o autor alemão explora a institucionalização da sociologia e da literatura (ou da crítica literária) na França, Inglaterra e Alemanha, atentando-se para a forma como se relacionavam, travando disputas ou aproximações, em meio às contingências que cercavam o cenário acadêmico onde elas se instalavam.

Não é meu intuito focar sobre a questão da institucionalização especificamente; isso só poderia ser feito às custas da figura de José Lins do Rêgo, considerando que esse autor não teve qualquer vínculo institucional acadêmico ou mesmo uma carreira acadêmica. Ainda assim, a obra de Lepenies me interessa fundamentalmente em dois aspectos: mostra uma relação concreta e diálogos entre a sociologia e a literatura a despeito de todas as transformações e da institucionalização delas como disciplinas acadêmicas, que por si demandava afastamentos e delimitação de fronteiras de uma com relação à outra, mas também face às outras disciplinas das ciências humanas de forma mais geral.

Além disso, onde a oposição entre elas era mais polarizada, a sociologia sempre assumia uma posição científica, apelando ao rigor metodológico e à noção de objetividade, enquanto a literatura, sobretudo através da crítica literária, cultuava a erudição e a obra como alimento do espírito, guardando um elemento subjetivo que seria obliterado pela sociologia. Em última instância, e de forma demasiadamente simplificada, era a oposição entre os valores modernos, democráticos, liberais, científicos, e os valores tradicionais, conservadores e eruditos. Foi o caso em vários momentos da França e da Alemanha, mais especificamente, como Lepenies explora em detalhes (LEPENIES, 1996). Mas em alguns momentos foi também o caso do Brasil, como argumentarei adiante ao tratar de Gilberto Freyre.

Com isso pretendo mostrar que não estou tentando explorar uma relação inédita entre a sociologia e a literatura; mas antes quero lidar com algo que em meio à discussão da institucionalização, e dos usos da sociologia para interpretar a obra literária acaba tornando-se secundário: as contribuições da literatura para lidar com a realidade social. Cabe aqui ainda refletir sobre esse movimento de interpretação da obra.

Parto do trabalho *Introdução aos Estudos Literários* de Erich Auerbach (1972), filólogo e crítico literário alemão que influenciou as análises de importantes críticos literários brasileiros (WAIZBORT, 2007). Ele identificou uma mudança central no século XIX: a passagem de uma gramática tradicional, que buscava um padrão universal sobre o qual o tempo não atuaria, no sentido de modificá-lo, para a linguística, na qual a sociologia teria papel fundamental - de explicar o fenômeno linguístico, e estudá-lo não a partir da aristocracia, mas do povo com seus diferentes dialetos, permitindo explorar a variedade linguística e através dela os fundamentos psicológicos e sociológicos para essa variação.

Mas Auerbach não restringiu aí sua forma de pensar a história e a sociologia em interseção com a literatura. Para ele a história literária nasce na modernidade justamente por influências dessas disciplinas na sua forma de enxergar o mundo, rompendo com a visão dogmática, absoluta e objetiva - a busca por aquilo que fosse perfeitamente belo - sobre a obra para enxergá-la de forma relativista e subjetiva. Dessa forma, na interpretação da obra literária, para além da crítica estética deve-se considerar a bibliografia e a biografia.

*"(...) acabou introduzindo na crítica o sentido histórico, o que queria dizer que não reconhecia mais uma só beleza, um ideal único e imutável, mas se dava conta de que cada civilização e cada época tinha sua própria concepção particular de beleza (...)" (AUERBACH, 1971, p. 29).*

Essa perspectiva relativista na obra do autor alemão levou-o a considerar as realidades múltiplas, particulares em suas características, e que propiciam ainda diversos realismos possíveis. Mesmo assim, alguma generalidade poderia ser resgatada pelo filólogo ao lidar com os sentimentos humanos comuns, que são socialmente compartilhados - e como ele próprio citou Montaigne: *"Chaque homme porte la forme entière de l'humaine condition"* (WAIZBORT, 2007, p. 320). Aí está uma dimensão da literatura que coloca-se como fundamental para a reflexão dessa pesquisa.

*"Com efeito, a questão é que não estamos falando da realidade-em-si, mas da realidade tal como a obra literária a expõe; e como a obra literária é uma forma própria - como foi recorrentemente enfatizado ao longo desse estudo - o modo como a exposição ocorre é constituinte, essencialmente constituinte, daquilo que aparece como e é a realidade (na obra literária) -*

*ou, por outras palavras, do sentimento da realidade" (WAIZBORT, 2007, p. 305).*

Antes de seguir, um outro tema ressaltado por Auerbach me interessa: a discussão acerca do *Realismo*. Isso porque é também nessa corrente e sob essa influência que se insere José Lins do Rêgo, e até o próprio Freyre. O autor aponta como nessa corrente a temática da vida cotidiana aparece, fazendo frente à literatura clássica (que abordava grandes heróis ou a sociedade de corte, aristocrática). Aqui ele destaca *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, e a *Comédia Humana*, de Balzac, como as obras que iniciaram o Realismo, inspirando posteriormente outros autores como Flaubert e Zola.

*"Essa mistura, chamada comumente de Realismo, me parece a forma mais importante e a mais eficaz da literatura moderna; acompanhando de perto as rápidas transformações de nossa vida, abrangendo cada vez mais a totalidade da vida dos homens sobre a Terra, permite-lhes ter uma visão de conjunto da realidade concreta na qual vivem e lhes dá a consciência do que êles são aqui" (AUERBACH, 1971, p. 243).*

E ainda:

*"(...) é o princípio da mistura de gêneros, que permite tratar de maneira séria e mesmo trafica a realidade cotidiana, em toda a extensão de seus problemas humanos, sociais, políticos, econômicos, psicológicos; princípio que a estética clássica condenava, separando claramente o estilo elevado e o conceito de trágico de todo contato com a realidade ordinária da vida presente (...)" (AUERBACH, 1971, p. 242).*

Apesar de adiantar a reflexão acerca da dimensão histórico-sociológica da obra literária, indicando inclusive o período em que ela passa a ser significativa a partir da constituição da história literária, o autor não explora a fundo até que ponto essa dimensão é capaz de ir sem adentrar os domínios da crítica estética; essa é uma definição na qual avança Antônio Cândido (1967), através dos conceitos de *texto* e *contexto*. Como indica Waizbort, essa formulação também é um caminho para lidar com o problema posto por Lukács: a associação, na obra literária, entre a dimensão estética, que é constante, e a dimensão sociológica, através da qual expressam-se mudanças e tenta-se compreender suas causas (WAIZBORT, 2007)

Ao tratar desse tema em *Literatura e Sociedade* Cândido propõe que existe uma relação dialética entre essas duas dimensões da obra literária; entretanto o contexto não deve ser entendido como determinante, mas tão somente como aquele que ajudará a constituir a estrutura da obra, elaborada por seu autor.

*"Aqui é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento externo dos fatores externos pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois esta não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. Cabe-lhe, por exemplo, pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gôsto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da organização social, econômica e política,*

*etc. É uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pelo crítico" (CÂNDIDO, 1967, p. 4).*

Waizbort entende que esse papel, de alguma forma secundário dentro da crítica literária, é uma forma de Cândido responder às investidas interpretativas da sociologia sobre a obra literária, reduzindo-a a mero produto do social. Mais ainda, era um receio face à sociologia com a qual ele teve contato ao longo de sua formação na USP, até conseguir seu doutorado, que seguia justamente a tendência scientificista, cuja principal figura era a de Florestan Fernandes (WAIZBORT, 2007). Essa é uma informação importante, e será uma questão retomada mais adiante quando tratarei de Freyre - que também se opôs à sociologia scientificista mais associada à USP em função da sua própria concepção de sociologia.

Cândido tenta superar esse problema de forma curiosa, propondo um paradoxo a partir dos fatores externos: eles são apropriados pela estética, assimilados de forma que a dimensão social torna-se interna e constitutiva da própria obra. A crítica nessa medida deve se atentar para essa como sendo uma das dimensões a serem consideradas para interpretação da obra, escapando a uma determinada "tendência devoradora" dos fatores sociais.

Essa nova síntese, conforme argumenta ele, está inspirada e segue a mesma linha da *mimesis* de Auerbach, que associou os processos estilísticos ao método histórico-sociológico, ou do método estilístico-sociológico, proposto por Otto Maria Capeaux em sua *História da Literatura Ocidental*. Ela me interessa aqui justamente por indicar a existência de algo na obra literária que está além da possibilidade de análise da sociologia; e isso me interessa justamente por ser aquilo que identifico nas obras de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo como um potencial interpretativo da realidade social, que é único por associar na sua visão algo de sociologia e literatura.

*"Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal" (CÂNDIDO, 1967, p. 14).*

Justo por isso minha reflexão neste trabalho não segue os caminhos que Cândido propõe para a sociologia; de alguma forma ele tenta associá-los, em sua maioria, mas para lidar com uma questão diferente e, a sua maneira inversa. Como já propus anteriormente, é menos a análise da obra literária em si, e sua interpretação através de um olhar sociológico, do que refletir sobre o olhar literário no seu potencial de interpretar a própria realidade social - algo que está metodologicamente presente em

Freyre, e que não é menos importante em José Lins do Rêgo, como tentarei expor adiante. O próprio Antônio Cândido reconhece isso em outro texto, *Direito à Literatura*, quando trata Rêgo como um dos autores centrais do romance de tonalidade social, cujo auge esteve na década de 1930, preocupado em tratar problemas associados à miséria e inserindo a figura do pobre:

*"Foi uma verdadeira onda de desmascaramento social, que aparece não apenas nos que ainda lemos hoje, como os dois citados [Jorge Amado e Graciliano Ramos] e mais José Lins do Rego, Rachel de Queiroz ou Érico Veríssimo, mas em autores menos lembrados (...) mas que contribuíram para formar o batalhão de escritores empenhados em expor e denunciar miséria, a explicação econômico, a marginalização, o que os torna, como os outros, figurantes de uma luta virtual pelos direitos humanos" (CÂNDIDO, 1995, p.185).*

Estando satisfeito por ora com essas ferramentas analíticas, sigo. Carla Cordeiro (2011) ao pensar o espaço dos personagens negros no ciclo da cana-de-açúcar dialoga com Lukács, avaliando que a construção da obra literária se dá como uma narrativa que apresenta uma leitura da realidade social própria do autor, impactada pela sua visão do mundo, mas sobretudo pelo ambiente intelectual em que ele se encontra. Nesse sentido ela retoma o contexto do regionalismo pernambucano, focando em particular no *Manifesto Regionalista* alegadamente elaborado em 1926, mas só publicado mais de vinte anos depois. Seguindo um movimento semelhante, vou me deter a seguir na análise desse documento, recuperando parte do contexto que vincula de forma mais próxima as figuras de Freyre e José Lins do Rego.

## 1.2. O Movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista

Para abordar o Movimento Regionalista pernambucano vou me concentrar na análise do *Manifesto Regionalista*, como queria Freyre, escrito e apresentado no primeiro Congresso Regionalista do Recife, em 1926 - mas somente publicado em 1952. Entretanto, é necessário ressaltar que o contexto social em que esse movimento se passa transcende a experiência desse congresso e o Manifesto em si, por mais que aí estejam concentradas suas características principais.

Para o objetivo desse artigo não convém discutir se o regionalismo nasceu como mero desdobramento do Modernismo do eixo Rio-São Paulo, cuja grande marca foi a Semana de Arte Moderna em 1922. E infelizmente não será possível dar a devida atenção as relações entre esses dois movimentos que estão muito além do campo puramente artístico. Ainda assim deixo aqui registrado, ao menos, o diálogo crítico

constante entre eles e a forma como isso se tornou fundamental nas definições de cada um.

*"Gilberto Freyre, Ariano Suassuna e muitos outros intelectuais formularam a questão do regionalismo como resposta à descaracterização que o avanço capitalista impingia à cultura nacional. O regionalismo surgiria, assim, como uma forma de combate à modernidade, o que, de certa maneira, ecoaria nas relações tensas entre regionalismo tradicionalista e modernismo paulista, regionalismo e cosmopolitismo" (DIMITROV, 2013, p. 257).*

Antes de tratar do Manifesto, chamo a atenção para o fato de que ele não foi o primeiro momento em que o Regionalismo expressou-se no Recife. Ao menos um acontecimento anterior pode ser citada, e já trazia uma série de questões que estariam no centro das atenções dos regionalista: a publicação do *Livro do Nordeste* em 1925, coordenado por Gilberto Freyre - à época um jovem ainda muito pouco conhecido, então há pouco tempo tendo retornado ao Recife depois de praticamente 5 anos fora - como homenagem aos 100 anos do Diário de Pernambuco.

Essa publicação valeu considerável projeção regional ao jovem Freyre, além de possibilitar que ele expressasse várias questões que o incomodavam desde seu retorno à terra natal; ele próprio, além da organização do livro, publicou um ensaio que tratava das modificações na paisagem do Recife. Antônio Dimas (1996) argumenta que

*"basta um mínimo de atenção a esse ensaio para se ter uma antecipação do modo como o ensaísta pernambucano compreendia e exercia seu ofício. E basta um mínimo de sensibilidade intelectual para se localizar nesse documento o germe de uma carreira diversificada e inconformada, prestes a eclodir com impeto" (DIMAS, 1996, p. 24).*

As críticas de Freyre à modificação da paisagem urbana do Recife, que ele nomeia afrancesamento, opõem-se à imagem que à época era construída por Mário de Andrade, figura central do modernismo, sobre o ambiente urbano e europeu do sul do Brasil. Dimas identifica, nessa medida, um caráter mais preocupado com a estética nesse último autor, enquanto o outro esteve mais voltado para a perspectiva histórica, na defesa das tradições e da diversidade regional - o que não deixou de apresentar, em vários momentos, um caráter mais conservador e reacionário.

Parece-me interessante apontar aqui como essa temática do afrancesamento será desdoblada e aprofundada em trabalhos posteriores, sendo que em *Sobrados e Mucambos* ela é muitas vezes tratada como re-europeização. A origem dessa noção, que tem um caráter eminentemente crítico de determinadas mudanças importadas do exterior e que não se adequam à realidade social e geográfica brasileira, parece aqui bem evidente.

Partindo para o Manifesto, devo primeiro fazer uma ressalva: a publicação do texto cerca de 26 anos depois de sua apresentação no Congresso - e posterior mesmo à publicação das mais conhecidas obras de Freyre - foi feita com uma série de alterações na versão original (DIMAS, 1996). Dessa forma, não pretendo utilizá-lo aqui como documento histórico plenamente confiável do que foi apresentado e discutido em 1926, mas antes como indicativo do contexto em que desenvolveu-se o Regionalismo, das ideias que ele visava disseminar, e ainda algo que muito me interessa: das ideias que chegaram a José Lins do Rêgo e foram sobre ele influência fundamental para sua produção posterior.

Freyre afirma sobre o Regionalismo que:

*"Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor, só as sequilhas feitas por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosas, só as rendas e redes feitas por cearense ou alagoano tenham graça, só os problemas da região da cana ou da área das secas ou do algodão apresentem importância. Os animadores desta nova espécie de regionalismo desejam ver se desenvolverem no País outros regionalismo, que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e, até, americano, quando não mais amplo, que ele deve ter"* (FREYRE, 1996, p. 49).

Essa passagem é muito interessante e elucidativa, respondendo a uma série de críticas do caráter fragmentários e separatista do movimento. O autor tenta evidenciar a pretensão não de negar o nacional, o internacional ou mesmo o universal, mas antes superar os estados criados pela República - essa que seguia a mesma tendência do Império, de implantação de modas francesas e inglesas avessas à realidade tropical brasileira - e que não correspondiam a demarcações culturalmente significativas: *"País de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepueram regiões social"* (FREYRE, 1996, p. 50).

Com isso, na verdade, Freyre parece seguir suas influências da literatura hispânica para pensar o universal justamente a partir do local ou do regional, como aprofundarei mais adiante (BASTOS, 1998, 1998). Nesse sentido, e após essa argumentação inicial, ele se permitiu deter mais minuciosamente sobre o Nordeste (que aqui, na demarcação feita, exclui a Bahia, em si já outra região).

*"Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores"* (FREYRE, 1996, p. 52).

Isso porque, para ele, nenhuma outra região ilustraria melhor sua tese da democracia racial (que se desdobra em livros produzidos posteriormente,

principalmente em *Casa-Grande & Senzala*, mas também em *Sobrados e Mucambos*), e a construção supostamente harmônica de valores daí proveniente. Essa forma de agregação das três raças vem acompanhada do lamento face a seu enfraquecimento "recentemente", alusão clara às já citadas modificações na cidade do Recife fruto da reforma urbana, mas também às alterações na moda, nas relações sociais, e mesmo na alimentação, que aparecem em detalhes ao longo do Manifesto. A noção de valores ganha centralidade nesse momento, aparecendo como fórmula para lidar com determinados aspectos da tradição e que têm potencial de universalidade. Um exemplo interessante que trarei é o do mucambo:

*"Com toda sua primitividade, o mucambo é um valor regional e por extensão, um valor brasileiro, e, mais do que isso, um valor dos trópicos: estes caluniados trópicos que só agora o europeu e o norte-americano vêm redescobrindo e encontrando neles valores e não apenas curiosidades etnográficas ou motivos patológicos para alarme. O mucambo é um desses valores. Valor pelo que representa de harmonização estética: a da construção humana com a natureza" (FREYRE, 1996, p. 54)*

Talvez seja mesmo desnecessário ressaltar a partir dessa citação os desdobramentos desse valor em particular na concepção e elaboração da obra publicada quase dez anos depois e que foi fruto da atenção nesse trabalho. Já no Manifesto, Freyre argumenta que o problema dos mucambos está antes na sua localização precária, em áreas da cidade onde são concentradas as pessoas pobres, sobretudo aquelas que antes estavam na condição de escravizadas.

Elogio semelhante, e que também aparece em *Sobrados e Mucambos*, é feito às ruas estreitas, em oposição às largas avenidas norte-americanas e aos bulevares franceses que são característicos da modernidade. Mas no Recife, imitados sob um sol escaldante, Freyre argumenta que o valor dessas ruas herdado dos mouros não deve ser abandonado, mas associado com esses espaços que a vida da grande cidade demanda.

Um último valor citado e que toma boa parte do Manifesto é o da culinária:

*"(...) os valores culinários do Nordeste. A significação social e cultural desses valores. A importância deles: quer dos quitutes finos, quer dos populares. A necessidade de serem todos defendidos pela gente do Nordeste contra a descaracterização da cozinha nacional" (FREYRE, 1996, p. 59).*

Nesse momento expressam-se novamente, mas talvez com mais força, a influência das três raças para abordar essa temática. Portugal em especial teria carregado as influências cristã, pagã, moura, israelita, palaciana, burguesa, camponesa, monástica ou fradesca, freirática, e transmitindo algumas dessas formas ao Brasil ao longo da colonização. Freyre cita exaltado suas lembranças de infâncias, de negras que ficavam nas ruas vendendo quitutes nos tabuleiros; mas também da mãe, tia, avó e

madrinha cozinhando na Casa-Grande. Seguem-se a isso duras críticas aos restaurantes mais finos do Recife, que tiraram de seus cardápios as comidas mais tradicionais, mas também às casas e à própria literatura que sobre isso não criou memória. Para ele *"toda essa tradição está em declínio ou, pelo menos, em crise, no Nordeste. E uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo da descaracterização"* (FREYRE, 1996, p. 67).

Escapando um pouco ao colorido do autor, e retomando uma afirmação de Dimas (1996), é necessário apontar também o caráter conservador de algumas dessas lembranças expressas em formulações nostálgicas. Não por coincidência o autor menciona apenas figuras femininas ao tratar da cozinha, pois para ele *"(...) a verdade é que, depois dos livros de missas, são os livros de receitas de doces e de guisados os que devem receber das mulheres leitura mais atenta. (...) Não há povo feliz quando às mulheres falta a arte da culinária"* (FREYRE, 1996, p. 67).

Em diferentes prefácios das edições publicadas do Manifesto o autor fez questão de sempre retomar o potencial universal do Regionalismo, bem como exaltar as peculiaridades do Nordeste; o acréscimo ao texto que ele afirmava ser o original escrito para o Congresso de 1926 fica por conta das menções aos artistas das mais diversas áreas influenciados por esse movimento, com ênfase às obras famosas publicadas tendo-o como referencial. Entre os autores mencionados está o nome de José Lins do Rêgo.

Mas antes de mencionar a relação entre essas duas figuras, vou me concentrar sobre alguns elementos presentes nesses prefácios. O primeiro é uma passagem citada por Freyre tanto na primeira quanto na sexta edições publicadas do Manifesto:

*"The alliance of the regional with the language Born of a period has been fruitful in every age', escreve há pouco Siegfried Giedion num dos seus grandes livros. É também o critério de Lewis Mumford. O de Mukerjee, na Índia. Foi, em dias já remotos, o empenho dos Regionalistas ao mesmo tempo tradicionalistas e modernistas do Recife. Empenho que os levou a considerar de modo sistemático problemas como o de planejamento regional. A conciliarem em arte o modernismo com o tradicionalismo"* (FREYRE, 1996, p. 91).

Aí é possível notar o elogio feito à síntese proporcionada pelo Regionalismo entre o moderno e o tradicional na arte, mas também com impactos sobre o cenário urbano do Recife. Entretanto, o que atrai Freyre nessa formulação, a ponto de levá-lo a repeti-la na edição publicada em 1976 é justamente o fato de que tal movimento seguia, se não mesmo criou, uma determinada tendência identificada em outros lugares do mundo - e então o aspecto universal por trás do movimento, do qual o autor pernambucano parece que sempre se orgulhava.

Devo ressaltar ainda que Freyre não entendia apenas como tradicionalista seu movimento; ele era também modernista, a seu modo, como ele fez questão de expressar e repetir ao longo de todo o prefácio da 6ª edição, intitulado "O movimento Regionalista, Tradicionalista e, a seu modo, Modernista do Recife". Como indica Dimitrov (2013) essa posição conferida ao regionalismo tradicionalista pelo próprio Freyre mostra que esse movimento não pode ser entendido senão no contexto da própria modernidade, inclusive com caráter internacional. Freyre vai nesse sentido:

*"Entretanto, ao mesmo tempo que dava relevo a tais valores tradicionais, pioneiramente iniciava um movimento tão modernista quanto tradicionalista e regionalista de revolução das normas de artes brasileiras: pintura, escultura, arquitetura (inclusive a paisagística), móvel, cerâmica, renda"* (FREYRE, 1996, p. 238).

Para encerrar a apresentação do Regionalismo e me dedicar um pouco à relação de Freyre e Lins do Rêgo mais especificamente devo mencionar apenas mais um aspectos dos prefácios: o impacto não foi, para o autor, apenas sobre as artes, mas também sobre as ciências. Aqui ele utiliza o próprio exemplo, aludindo às publicações de *Casa-Grande&Senzala* e *Sobrados e Mucambos* em 1933 e 1936 respectivamente, ambos fruto de reflexões profundamente impactadas e em alguma medida muito coerentes com o projeto Regionalista.

*"Entretanto, não foi apenas reconsiderando as 'três raças' na formação brasileira, mas atribuindo, numa aplicação sistemática da então nova teoria de Franz Boas ao caso Brasileiro, importância muito maior a cultura do que à raça e rompendo com o 'arianismo' do aliás notável sociólogo Oliveira Viana, que os renovadores recifenses surgidos na década de 20 verdadeiramente revolucionaram a filosofia e a metodologia em estruturas antropológicas e históricas de sociedades extraeuropéias, especialmente das eurotropicais, como destacaria o professor Roger Bastide"* (FREYRE, 1996, p. 245).

### 1.3. Freyre e Rêgo: amizade iniciada na literatura

A influência de Freyre sobre determinado círculo da juventude que estava no Recife na primeira metade da década de 1920 foi notável. Desde seu retorno da Europa em 1923 o autor impactou profundamente, com ainda mais força a partir da publicação do *Livro do Nordeste* e do já mencionado Congresso Regionalista. E é justamente nesse contexto que ele travará amizade com o outro autor que terá espaço central nesse trabalho.

Há que se destacar a importância dessa amizade. José Castello (1961), em uma das biografias de maior fôlego a respeito de José Lins do Rêgo, dedica os dois primeiros capítulos de seu livro justamente a Gilberto Freyre e seu impacto no pensamento

daquele autor, não só através de indicações de leituras da literatura inglesa, francesa e hispânica, como também através da agenda de preocupação regionalista. "A amizade de Gilberto-José Lins do Rêgo é de certo uma das grandes amizades na história da literatura do Brasil e desde os seus começos que em vinte anos só tem feito desenvolver-se e solidificar-se" (CASTELLO, 1961, p. 89), é o que afirma o biógrafo de Freyre, Diogo de Melo Menezes.

Outro texto indicativo dessa amizade é o prefácio escrito por José Lins ao livro *Região e Tradição* publicado por Freyre em 1941: "Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, o meu entusiasmo." (RÊGO, 1941, p. 9).

Ao longo desse texto ele mostra como se sentiu impressionado com a forma de Freyre exaltar sua terra, ao mesmo tempo que tecia duras críticas a algumas políticas do governo (que já foram indicadas anteriormente). Ainda no prefácio ele reconhece a grande influência que exerceu Freyre principalmente sobre sua escrita, que antes era mais "intuitiva", mostrando sua cultura clássica proveniente da formação no exterior, mas nem por isso deixando de interessar-se pelo Brasil - sobretudo por sua vida íntima.

*"Para mim tivera comêço naquela tarde de nosso encontro minha existência literária. O que eu havia lido até aquêle dia? Quase nada. Talvez que nem um livro sério do princípio até o fim. Lera o grande Eça de Queiroz. Mas escrevia por instinto contos e crônicas. E João do Rio com a sua simplicidade de escrever me entusiasmara. Lima Barreto também. Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as crônicas, os contos, e criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia nos meus modos de dizer qualquer coisa que o interessou. E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. Começou uma vida a agir sobre a outra com tamanha intensidade, com tal fôrça de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia, Cai na imitação, no quase pastiche. Isto não só no seu jeito de escrever como em tudo o mais: nos seus gostos, nas suas relações, os seus métodos de vida. Ele era tudo o que eu não tinha. Uma cultura clássica, uma capacidade de penetrar, de análise, de síntese, de vida interior, que se chocavam com os meus impulsos, os meus arrancos bruscos, os meus ímpetos de instinto puro. E tudo isso, que poderia nos separar, nos ligou profundamente" (RÊGO, 1941, p. 18-19).*

Aqui devo fazer uma breve consideração acerca das palavras de Rêgo. É necessário pontuar que trata-se de um prefácio escrito em obra de um de seus grandes amigos, e me parece evidente o exagero em algumas das passagens a ponto de distorcer a situação da forma como ela se deu. Talvez seja possível falar mesmo em um apelo a literatura feito para tratar de Freyre, valendo-se da própria ficcionalidade na forma de tratar a relação entre os dois amigos para acentuar a força da influência exercida. Digo

isso porque Castello (1961) faz questão de mostrar como Rêgo já tinha um contato mais íntimo com a literatura do que ele quer fazer crer nesse prefácio, e suas publicações já eram conhecidas no Recife da época. Entretanto, a forma como ele abre mão disso para aumentar a figura de seu amigo pernambucano é muito indicativa da real importância dele no seu desenvolvimento intelectual e literário.

Tratando do Modernismo paulista, Rêgo critica o movimento da mesma forma como Freyre, identificando que havia a necessidade de defesa do Brasil, que precisava se olhar e construir a partir de suas próprias fontes, de suas riquezas nativas. Justo por isso a forma como o pernambucano lidava com temas como da manifestação da vida, profundas e íntimas, são vistos com bons olhos: assim poderia ser alcançado um caminho de valorização da cultura brasileira.

A escrita de Freyre também é mencionada, elogiada por ser original e bela, mas não "moderna"; ainda assim ela é capaz de dialogar com autores para ele desconhecidos (sobretudo estrangeiros). Isso impactou, como afirma Rêgo, na sua sociologia, que "*é mais humana que systematica*" (RÊGO, 1941, p. 18), e na mesma página afirma que também foi fonte de influência: "*posso dizer sem medo que a elle devo os meus romances (...)*".

Já Castello resgata em uma publicação de Rêgo intitulada *Presença do Nordeste na Literatura* uma última passagem em que o autor trata de Freyre e que aqui será importante, justamente por aparecer o assunto da universalidade alcançada com o Regionalismo, como objetivo de ambos:

*"Voltando ao assunto no último ensaio que escreveu - Presença do Nordeste na literatura - José Lins do Rêgo emprega, cremos, pela primeira vez, no mesmo período, as palavras regionalismo e universalidade e reafirma o sentido da atitude regionalista que consiste em buscar a unidade do todo através da observação profunda de suas partes fragmentadas, sobre as quais repousa uma experiência pessoal, autêntica, do escritor:*

*'O regionalismo de Gilberto Freyre não era um capricho de saudosista, mas uma teoria da vida. E, como tal, uma filosofia de conduta. O que queria com o seu pugadão à terra Atal era dar-lhe universalidade, como acontecera a Goethe com o 'lieder', era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço do mundo. Era expandir-se ao invés de restringir-se. Por este modo o Nordeste absorvia o movimento moderno, no que este tinha de mais sério. Queríamos ser do Brasil endo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará'" (CASTELLO, 1961, p. 107).*

Se de sua parte José Lins do Rêgo não poupa elogios e reconhecimento a Gilberto Freyre, o contrário também é verdadeiro. Em texto publicado após a morte de seu amigo, Freyre faz questão de reconhecer o papel central de Rêgo no Regionalismo:

*"(...) sou obrigado a recordar que alguns dos principais iniciadores desse movimento de literatura de ficção foram de algum modo tocados por*

*influências que tiveram seu ponto de partida naquela filosofia: uma filosofia, de certa altura em diante, tão de José Lins do Rego quanto minha" (FREYRE, 1990, p. 93).*

E mais adiante ainda: *"José Lins do Rego foi não só um dos iniciadores de um novo romance em língua portuguesa, como um dos provocadores, no Nordeste, da poesia modernista-tradicionalista, baseado sobretudo em memórias de infância (...)"* (FREYRE, 1990, p. 93). Para além disso, Rêgo desempenhou outro papel importante: o de disseminar o Regionalismo para espaços além do Recife, entre eles a Paraíba e o Rio de Janeiro, onde também morou - e nesse último onde fez contato próximo com o Modernismo do eixo Rio-São Paulo (COUTINHO, 1990).

*"Foi José Lins do Rego que do Recife levou algumas daquelas influências, primeiro para a Paraíba, onde José Américo de Almeida se preparava (...); e, depois, para Alagoas, onde Jorge de Lima e Graciliano Ramos, num tanto por suas sugestões recifenses, outro tanto por sugestões 'modernistas' vindas do Sul, voltavam-se para temas telúricos e para assuntos regionais - regionais de uma nova espécie de regionalismo, enxergando neles problemas dignos de uma ficção mais brasileira em profundidade do que em superfície e inspiração para uma poesia (...) voltada para a recordação da infância da própria gente: para o drama da infância brasileira" (FREYRE, 1990, p. 94).*

Tendo exposto de forma breve os principais elementos que envolveram o contexto social e artístico no qual estavam Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo, assim como as influências que eles tiveram nas reflexões e construções de suas obras aqui analisadas, creio que devo partir para a análise de cada um deles em específico.

## 2. Gilberto Freyre entre as Ciências Sociais e a Literatura

Voltar-se para o passado não é um movimento que deve ter como propósito unicamente o saudosismo ou a crítica. Deve ser também um esforço no sentido de compreensão do presente, em todas as suas heranças e rupturas - essas últimas talvez mais difíceis de perceber em suas consequências, mas de forma nenhuma menos importantes. No caso da ciência, esse estudo histórico se faz importante ainda por se constituir uma forma de avançar, pois proporciona reflexões tanto de natureza epistemológica e metodológica quanto de nível teórico e da produção que vem sendo feita na área.

Nesse trabalho o foco da reflexão estará em uma área bem específica das ciências humanas: a sociologia. Entretanto, isso não quer dizer que ele estará restrito apenas a essa área; pelo contrário, o estudo aspira voltar-se para o pensamento social brasileiro na forma como ele se desenvolveu na primeira metade do século XX, entendendo sua dinâmica face a outras áreas do conhecimento, mas mais particularmente da literatura.

Para tanto, a análise nesse primeiro momento se concentrará nas obras da década de 1930 de Gilberto Freyre, principalmente em *Sobrados e Mucambos*. Tal análise tem por intuito verificar os elementos que colocam Freyre não só dentro do campo das ciências humanas, mas também que o aproximam da literatura. Esse esforço será acompanhado também da análise e interpretação de sua "fortuna crítica" no sentido dos objetivos da pesquisa.

A escolha de Freyre justifica-se por ser esse um autor de destaque no período histórico que corresponde aos primeiros e principais trabalhos sociológicos antes propriamente da institucionalização desse campo no Brasil (que, conforme certa narrativa que predomina na academia brasileira, veio com a Escola de Sociologia da USP e a fundação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, além é claro da breve experiência da Universidade do Distrito Federal). Porém, para além disso, a obra *Sobrados e Mucambos* traz uma reflexão mais amadurecida e expressa através de uma reflexão que recorre não somente a elementos marcantes das ciências sociais, mas que se aproxima também da literatura. Nesse sentido está a importância de tratar mais particularmente dessa obra para tentar entender ao menos alguns aspectos a respeito de como se deu a dinâmica entre sociologia e literatura nas primeiras décadas do século passado.

## 2.1. Formação de Freyre

Para entender essa relação é necessário primeiro se debruçar sobre a própria formação de Gilberto Freyre, na forma como as ciências sociais e a literatura ocuparam espaço e desenvolveram-se ao longo de sua trajetória intelectual. Nesse intuito é fundamental a obra *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, de Maria Lúcia Pallares-Burke, em que a autora constrói uma biografia intelectual de Freyre.

Pallares-Burke (2005) explora como a literatura fez parte desde muito cedo da vida do jovem Freyre, mais particularmente a literatura inglesa na argumentação dessa autora. Entretanto é fundamental o período de cinco anos (entre 1918 e 1923) que ele passou fora do Brasil, contemplando primeiro seus estudos nos EUA, depois sua viagem para a Europa. Aqui cabe ressaltar como a própria trajetória acadêmica não era tão enrijecida e como as fronteiras dentro dos campos científicos de conhecimento ainda não estavam bem delimitadas, mas justamente em discussão.

A autora aborda a dificuldade passada ao longo desse período, mais particularmente a decepção intelectual pela qual passou o autor em Baylor devido ao seu desempenho na universidade. Ele não conseguiu se destacar nas disciplinas, seja por dificuldades intelectuais e de adaptação à vida nos EUA longe de sua família, mas principalmente por ter se comprometido com uma série de atividades que desenvolveu em paralelo à graduação, como cursos de idiomas e trabalhos como monitor.

Um elemento interessante apontado pela autora é o fato de Freyre não ter tido um desempenho destacado na área de literatura, e nem mesmo ter tido muito espaço para isso. Se por uma lado muito provavelmente houve insegurança fruto das dificuldades com as disciplinas do departamento de literatura, por outro parece ter havido a decepção de um estudante latino-americano que queria discutir literatura inglesa, mas cujos professores queriam ouvi-lo sobre seu local de origem. Mais fundamental ainda é o fato de que, segundo a autora, Freyre dedicou parte significativa de sua formação em Baylor ao estudo da literatura principalmente a de origem inglesa, e que mesmo tais dificuldades não foram suficientes para fazê-lo recuar nessa área.

Nesse sentido, a temática da formação da América Latina parece surgir a princípio menos como uma bandeira a qual Freyre estava pronto a defender do que como o espaço de discussão acadêmica possível encontrado pelo autor que aspirava a outras discussões. Isso se estende ao período que o autor passou em Columbia, ainda

que a atmosfera cultural e intelectual de Nova Iorque lhe fosse muito mais agradável que de Baylor.

Após adquirir o título de mestre em Columbia, Freyre passou um período viajando pela Europa, outra experiência fundamental para compreender sua trajetória. Ele passou por Portugal, França, Alemanha, mas foi na Inglaterra que teve sua experiência mais profunda e memorável, alvo de vários elogios e notáveis lembranças para o autor. Aqui Pallares-Burke destaca o valor conferido por ele ao ambiente inglês, principalmente em Oxford, que segundo Freyre foi capaz de associar a tradição ao moderno, como importante para confirmar sua admiração pela literatura inglesa em particular.

Vários dos elementos literários presentes na obra de Freyre, bem como alguns de seus *insights*, com certeza tem, ao menos em parte, inspiração nessa experiência. A escrita ensaística que marca as grandes obras de Freyre também estava presente na literatura vitoriana, marcada pelo apelo à tradição ou à comunidade face ao moderno e à individualidade. Por outro lado, temas como o do equilíbrio ou harmonia de pólos opostos, característica apontada na Inglaterra pós-primeira guerra, vão surgir em suas obras posteriormente, através da ideia de “equilíbrio de antagonismo” no Brasil.

Essa noção, inspirada nas obras de Carlyle, Zimmern, Spencer e Giddings como aponta Pallares-Burke, torna-se fundamental na concepção de Freyre para entender a formação brasileira. É a partir dela que o autor vai argumentar acerca da existência de uma harmonia estabelecida entre o senhor de engenho e o escravo a partir da estrutura patriarcal, formando o complexo *Casa-Grande&Senzala*, e posteriormente *Sobrados e Mucambos*. Nesse contexto a miscigenação é a característica brasileira que proporcionou o sucesso desse equilíbrio.

Cabe pontuar que essa concepção foi construída a partir da experiência de Freyre no exterior, mas começou a ser estruturada a partir de 1926 no que Pallares-Burke aponta como uma mudança de paradigma (e que nesse sentido foi gradual). Em muitos textos anteriores Freyre parecia compartilhar de ideias eugenistas que eram muito fortes no período e que apontavam o Brasil como nação que nasceu condenada justamente por causa da miscigenação.

Se por um lado parte da inspiração da escrita de Freyre que se aproxima da literatura veio da literatura inglesa, de outro parece também ser inegável a contribuição da literatura ibérica para o autor, não somente na forma e estilo do texto através do

ensaio, como também nas temáticas abordadas, dentre elas a miscigenação e a crítica ao moderno em oposição à tradição.

Regina Crespo (2003) argumenta que Freyre circulava entre os universos de escritor e de cientista, assumindo uma posição híbrida entre o conhecimento científico e o poético. Segundo a autora isso é mais claramente percebido através do estilo ensaístico de suas obras. No ensaio o autor pode trabalhar com sistemas binários, sem rigor conceitual, mas com um trabalho de descrição e narração bem detalhado.

Esse estilo aproxima-o da geração de 98, como ficou conhecido um grupo de autores espanhóis que escreveram por volta desse período. Autores como Ortega y Gasset se debruçaram sobre a modernidade espanhola tentando entender a perda do poder da época colonial, criticando o individualismo moderno que impedia o florescimento de um sentimento de identidade nacional e a modernização que sufocava as especificidades tradicionais locais. Nesse sentido há uma defesa do perspectivismo e do circunstancialismo enquanto formas de lidar com o local, temas que também aparecem em Freyre na forma como o autor aborda o cotidiano em suas obras.

A defesa do local colocou Freyre em oposição ao movimento modernista paulista e carioca que estava mais afeito à ideia de moderno. O autor contribuiu com uma outra corrente que ajudou a fundar, o modernismo regionalista, através de um apelo saudosista ao antigo patriarcalismo, mas que de certa forma inspirou-se em movimento semelhante da literatura inglesa e espanhola.

É na medida em que se aproxima do iberismo que Freyre confere maior centralidade à ideia da miscigenação como a grande contribuição que a formação da nação brasileira pode transmitir para o mundo. A capacidade de unir de forma harmônica uma série de raças, ao mesmo tempo em que a própria raiz ibérica simboliza uma ponte entre o oriente e o ocidente (pelos longos anos de presença moura na península) tornou-se uma bandeira pela qual o autor sempre argumentava favoravelmente, e que o fez mesmo trabalhar por um tempo junto à Organização das Nações Unidas, como aponta Elide Bastos (1998).

Cabe aqui uma última ressalva, a partir de uma observação feita por Cândido em *Literatura e Sociedade*, ao tratar da literatura brasileira entre 1900 e 1945. Citando Freyre, ele o reconhece como figura central dessa época:

*"Ao lado da ficção, o ensaio histórico-sociológico é o desenvolvimento mais interessante do período [regionalista]. A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar na livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada*

*às condições do meio tropical e da economia latifundiária (Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Nordeste)" (CÂNDIDO, 1967, p. 145).*

## 2.2. Produção Acadêmica

Na obra *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), Freyre explora justamente o caráter multidisciplinar de sua produção escrita através de um esforço auto-reflexivo. O autor defende sua posição de sociólogo principalmente a partir de uma postura e forma de observar o mundo social que ele adquiriu ao longo de sua formação acadêmica.

Faço antes uma ressalva considerada em um cânone da sociologia: a ilusão biográfica (BOURDIEU, 2008). Bourdieu chama a atenção para a falsa imagem construída na narrativa autobiográfica segundo a qual a vida caminha em um sentido linear, cronológico, coerente e desde o princípio orientado. Citando Alain Robbe-Grillet,

*"O advento do romance moderno está diretamente vinculado a esta descoberta: O real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, cada um e único, e tanto mais difíceis de entender porque surgem sempre de modo imprevisto, fora de propósito, de modo aleatório" (BOURDIEU, 2008, p. 76).*

Esse exercício de tornar-se uma espécie de ideólogo de si mesmo está presente em Freyre, como havia já considerado Pallares-Burke, em detrimento de todas as contingências que permearam sua carreira acadêmica e que foram a fundo exploradas por essa autora. *Como e porque sou e não sou sociólogo* não escapa, em definitivo, dessa tendência. De qualquer forma, tomá-lo-ei aqui como forma de explorar a visão de Freyre sobre a literatura e a condição em que idealmente ele postula sua aparição em suas obras.

Seguindo após essa observação, ele próprio reconhece sua postura nada ortodoxa, que tem no uso de "obras para-científicas" um de seus principais exemplos: "lendo-os é que me fui defrontando com quase ignorados depoimentos de valor antropológico e sociológico sobre o Brasil ameríndio e sobre os primeiros contatos, no Brasil, de europeus com ameríndios e africanos, em livros tidos apenas como pitorescos, mas na verdade utilíssimos ao antropólogo moderno" (FREYRE; 1968; p. 48). A observação e participação no próprio cotidiano, ignorado pela sociologia que se institucionalizava à época, é outra forma de se exercer essa postura metodológica, aproximando-o de autores como Simmel.

A sociologia freyreana não está, nas palavras do autor, baseada na leitura e diálogo com as outras pessoas do campo, mas antes numa forma de olhar que o autor chama "método poético-sociológico". A intenção de Freyre é argumentar que seu método tem o alcance para captar elementos que a objetividade não permite captar. Com a objetividade ele pretende tratar de uma postura teórica e metodológica que precisa responder aos rigorosos princípios científicos ortodoxos, assim como lidar com grandes generalizações. Aqui é interessante notar que essa segurança sobre uma forma peculiar de fazer sociologia estava melhor consolidada nesse período, uma vez que o prefácio à segunda edição de *Sobrados e Mucambos* vem justamente para responder a essas críticas, que o autor tenta dar conta argumentando através das noções de forma e conteúdo.

Justo nesses termos ele se considera mais próximo à antropologia social, nas figuras de Boas e Giddings, do que da sociologia propriamente. Isso por não se considerar preso ao especialismo de somente uma disciplina, mas também por analisar o social a partir de seus condicionantes culturais e ecológicos muito mais do que em uma perspectiva biológica evolucionista. Próximo a isso está também uma perspectiva que passa pela história social, lidando com o passado sem recorrer a datas, ou seja, momentos históricos pontuais e bem delimitados, justamente por considerar que o tempo social não respeita o tempo cronológico.

O mais interessante é a forma como Freyre encerra sua obra definindo-se acima de tudo como escritor, menos pela forma com que escreve do que pela sua capacidade de observar o mundo com atenção para detalhes que voltem-se para a construção da vida íntima das pessoas no intuito de entender o social. E como principal fonte de diálogo ele aponta a literatura hispânica, que interage e vive com a realidade sobre a qual se debruça, não restringindo-se a uma atividade de gabinete. Ele parte da tentativa de explorar a condição humana associando abordagens científicas e humanísticas.

Com um olhar mais voltado para uma perspectiva formal a partir de como se deu a institucionalização da sociologia no Brasil, Simone Meucci contribui para essa reflexão acerca de uma sociologia científica e outra mais próxima da literatura, sendo essa última a que encontra seu principal representante na figura de Freyre. Sobre o embate com a sociologia científica, Meucci coloca:

*"Pôde-se então definir o lugar e os meios legítimos para profissionalização do sociólogo; institucionalizar a linguagem científicamente válida, eleger os autores-emblema representantes de teorias e procedimentos metodológicos legítimos; definir o método de análise; instituir temas e problemas admitidos no interior do campo científico." (MEUCCI; p.241)*

O confronto teve o outro polo em São Paulo, mais especificamente na tendência definida por Florestan Fernandes, preocupada com o rigor científico.

*"Houve, pois, um esforço para produzir a diferenciação disciplinar da sociologia em relação às outras áreas, principalmente a literatura. Dois autores foram fundamentais na vigilância e na instituição do cânon sociológico: Donald Pierson e Florestan Fernandes (ambos ligados à Escola Livre de Sociologia e Política e à Universidade de São Paulo)." (MEUCCI; p.242-243)*

A obra de Freyre passa a ser re-significada; ensaísmo e narrativa histórica não ocupam mais a vanguarda. A profissionalização e especialização foram os caminhos adotados nas academias paulistas, e Freyre se manteve em posição ambígua (produziu a obra *Sociologia* (1945), mas se recusava a integrar novamente o ambiente acadêmico). "(...) o autor esteve ligado ao processo de sistematização do conhecimento sociológico, mas ao mesmo tempo, esteve completamente desligado da sua institucionalização" (MEUCCI; p.253). A oposição ao ensaísmo que prevaleceu na década de 1930 e o quantitativismo geraram várias críticas a Freyre, bem como a sua linguagem.

*"O vínculo entre as duas áreas poderia, segundo Freyre, se manifestar de diferentes maneiras. De um lado, a Literatura poderia ser considerada como fonte de pesquisa preciosa. De outro, dizia que a forma de escrita empática (ou, em outras palavras, literária) seria mais adequada para dar conta das dimensões múltiplas e fluidas da realidade." (MEUCCI; p. 264)*

Nesse sentido, a escrita literária através do ensaio permite captar o dinamismo e multidimensionalidade da realidade. Seu ensaísmo se fortalece na década de 1950, quando as fronteiras passaram a ser mais bem delimitadas. A defesa da sociologia como ciência anfíbia gera resistência face à tradição durkheiminiana. Entre as críticas de Florestan Fernandes, destaca-se o receio de Freyre em enfrentar a fundo as questões abstratas colocadas apenas superficialmente.

Essa oposição também pode ser pensada a partir de uma leitura de *As três culturas*, de Wolf Lepenies (1996). De alguma forma já havia adiantado no primeiro capítulo, mas aqui interessa um paralelo com o caso francês, conforme o autor apresenta, que durante a institucionalização da sociologia trouxe em campos opostos a sociologia de Durkheim e a defesa da literatura de Hipólito Taine e Ernest Renan. Não se trata de tentar defender uma íntima semelhança entre os dois casos, mas antes de pensar como em ambos pode-se apontar que estão em disputa duas correntes diversas de conhecimento, paralelas entre os países: de um lado o conhecimento científico, objetivo, racional e especializado, que consolidava-se como discurso da modernidade e dava base principalmente à democracia ou à república; de outro uma determinada erudição, pautada no apelo à arte e à literatura como formas de se desenvolver o espírito humano,

e que tanto no caso de Freyre no Brasil quanto no caso francês pautavam-se em um discurso nostálgico da tradição e de antigos regimes políticos monárquicos. Um discurso que para autores como Durkheim (de família judia) e Florestan (cuja origem era de classes populares), para citar apenas essas duas figuras, representavam uma reverência a um passado que sobretudo oprimia suas classes sociais de origem.

A disputa entre *sociologia científica* e *sociologia de Freyre* também tinha como elemento a questão política, um debate sobre o caminho para a modernidade política e econômica brasileira, e qual o papel da sociologia nele. Freyre, da geração que discutiu a identidade nacional, foi criticado pela aproximação com regimes autoritários (lusotropicalismo visando construir uma modernidade ibérica; e patriarcalismo que poderia administrar a acomodação visando antes uma democracia racial com assimilação cultural que uma democracia social) e caracterização da sociedade brasileira como anti-burguesa (liberalismo político, racionalidade e impessoalidade não seriam possíveis aqui).

### 2.3. Sobrados e Mucambos: a literatura na sociologia

Se antes eu afirmei que Freyre não perdeu o interesse pela literatura, ainda que tendo sofrido com as dificuldades acadêmicas de seus estudos literários nos EUA, agora se coloca o momento de identificar isso através de uma de suas obras fundamentais: *Sobrados e Mucambos* (2013). Nessa obra, em termos gerais, o autor realizará uma tentativa de demonstrar como o equilíbrio de antagonismo, conceito central forjado em *Casa-Grande & Senzala* (com inspiração na literatura inglesa, como já foi explorado acima), que existia no Brasil e que tinha na miscigenação sua principal expressão, é gradativamente colocado em xeque à medida que entra em decadência a família patriarcal, cujo poder antes absoluto é fragmentado e tem na modernização o mais forte opositor.

Antes, entretanto, é importante ressaltar: *Sobrados e Mucambos* é uma obra que se alterou muito ao longo dos anos, mais substancialmente se compararmos sua primeira edição de 1936 à segunda edição de 1951. Essa última contou com a adição de cinco capítulos e uma revisão dos sete que já existiam na obra original, cujo objetivo Freyre "(...) esclarece, respondendo outrossim a algumas críticas que vinha recebendo, que as alterações visavam reforçar os elementos que facilitam uma interpretação mais lógica que cronológica da sociedade patriarcal no Brasil" (REZENDE, 2001, p. 191).

É justamente por essa maior completude requerida à segunda edição pelo próprio autor que interessa aqui tratar dela mais do que da edição original. Feita essa introdução, é possível prosseguir.

Freyre já esboça os principais temas do livro no primeiro capítulo, mas acima de tudo já é possível identificar a natureza da sua forma de escrita, do ponto de vista científico, focada muito mais num tempo que se pode chamar social do que propriamente histórico. Com isso quero dizer que é marcante o fato de não recorrer constantemente aos eventos históricos específicos e suas datas, o que de alguma forma parece exaltar a própria complexidade dos elementos que opõe o Brasil que ele caracteriza mais à frente como quase feudal, do patriarcalismo soberano, da escravidão, da casa-grande, ao Brasil da re-europização, da urbanização, do sobrado, e consequentemente de grandes mudanças econômicas, culturais, políticas.

Esse elemento chama atenção porque não parece ser possível falar que a temporalidade em Freyre é sociológica, pois mesmo ela ainda sente o apelo científico, a necessidade de construção de uma linha temporal objetiva que recorra no mínimo a grandes acontecimentos históricos, e por isso parece que o tempo em *Sobrados e Mucambos* tem um caráter literário, cuja grande contribuição é mesmo uma compreensão da história do Brasil de forma a passar mais próxima à subjetividade das pessoas envolvidas com esse processo.

Se por um lado a própria natureza da obra foge ao formato científico mais tradicional, a forma de lidar com os objetos estudados segue caminho semelhante. Freyre toma fontes documentais das mais variadas, mas sobretudo aquelas que eram ignoradas até então na pesquisa científica, como livros de receitas, registros botânicos, notícias de fugas de escravos, dentre outras que podem surpreender um leitor acostumados com obras sociológicas mais convencionais, ou que à época de Freyre tendiam a ser considerados trabalhos de cunho propriamente sociológico. As próprias comparações que são feitas ao longo da obra guardam um teor literário, como por exemplo a oposição entre a casa e a rua, a praça e o engenho

Em última instância, a implicação da vasta pesquisa empírica realizada pelo autor é uma descrição da vida cotidiana, principalmente do nordeste brasileiro (ainda que o autor insista desde o prefácio, porém de forma menos convincente, que suas teorias e descrições contemplam o Brasil inteiro), que instiga no leitor uma imaginação não só visual como também auditiva, nos termos como argumenta Alves (2011). Isso é fruto de uma detalhada e precisa reconstrução do ambiente doméstico, da vida íntima,

que passa inevitavelmente por uma escrita com traços profundamente literários para proporcionar riqueza descritiva suficiente a ponto de instigar essas imaginações. Daí a importância de alguns conflitos que são apontados mesmo dentro da família, das jovens que vão às janelas do sobrado namorar, opondo-se ao controle do patriarca; os jovens que vão estudar fora e desenvolvem uma base científica que vai se opor ao misticismo de suas mães; do padre que deixa de integrar o complexo da casa-grande para ganhar mais autonomia com as igrejas nas cidades.

Mas esse apelo descritivo não se restringe à reconstrução da vida íntima, como também para descrever a paisagem social e política do Brasil daquela época. Exemplo disso é a forma como é tratado o processo de reeuropeização após a chegada da família real portuguesa em 1808. Freyre fala de uma Europa moderna: industrial, comercial, mecânica, burguesa, carbonífera, preta, cinza e branca. Aqui percebe-se não só o exemplo da incitação de uma imaginação visual, como também ilustra um estilo de escrita marcada no autor e que guarda profunda preocupação estética: o uso de vários adjetivos em sequência, de forma geral três ou quatro, separados por vírgulas. Isso é interessante porque evita uma possível descrição monótona que tratasse tão somente de realizar uma listagem de características históricas e possibilita ao leitor maior vivacidade do quadro que está sendo esboçado pelo autor.

O capítulo intitulado *O brasileiro e o europeu* é exemplo muito ilustrativo do que vem sendo argumentado anteriormente. Nesse capítulo, por mais que em alguns momentos a argumentação de Freyre esteja marcada por uma normatividade que critica a reeuropeização em defesa de uma idealização do passado patriarcal, há um desenvolvimento muito convincente no que tange ao elemento europeu como central para promover as mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas, por que passa o Brasil entre os séculos XVIII e XIX. A rica descrição de como isso se dá em termos do que ele chama de conteúdos ajuda a compreender a complexidade desse processo e como ele ocorre nos mínimos detalhes; inclusive nas próprias árvores que fazem parte da paisagem da casa-grande e posteriormente dos sobrados.

Nesse exemplo também interessante é a forma como Freyre aborda os conflitos que observados a partir desse movimento de dinâmica cultural, tendo ainda outros elementos que serão melhor explorados à frente, como o orientalismo e o processo de industrialização, que aos poucos passa do europeu para o mestiço. Um último elemento, que considero epistemologicamente importante, é a defesa de explicações multicausais dos fenômenos, que de alguma forma procura se aproximar ao máximo da

complexidade que constitui a realidade, e mais particularmente essas mudanças que tomam o livro enquanto sua principal contribuição para a sociologia, na minha opinião. Entretanto, a associação entre essas variáveis passa sempre pela linguagem literária, pelo caráter de escritor que é aquele com o qual o próprio autor melhor se identifica, como exposto anteriormente na obra *Como e porque sou e não sou sociólogo*.

Um outro exemplo pode ser dado no capítulo que versa sobre *O oriente e o ocidente*, mais particularmente com a ideia de desassombramento construída pelo autor. Essa metáfora visa expressar um conjunto de mudanças culturais e sociais ocorridas da passagem de uma primeira europeização carregada de elementos orientais (principalmente em função da influência moura sobre Portugal e Espanha) para uma reeuropéização carregada de elementos ocidentais, a modernidade. Esse desassombramento poderia ser percebido na arquitetura, as gelosias são substituídas pelas janelas de vidro, mas também nas Igrejas (substituição dos mantos, mantilhas e xales orientalmente espessos pelos franceses transparentes), no rosto dos homens (barbas feitas com tesoura e navalha inglesa), na iluminação das ruas, praças e casas, na relação entre homem-mulher e pai-filho.

Cabe, aqui, tratar também de uma forma estilística que é cara à literatura, a saber, o acesso a assuntos universais a partir do registro e descrição de casos particulares. Refiro-me aqui, por exemplo, a forma como Freyre trata dos jazigos perpétuos e covas rasas, tema que aparece ainda na introdução à 2ª edição de *Sobrados e Mucambos*. Nesse caso ele relata o enterro de uma velha senhora pernambucana para tratar da decadência que atingia a família patriarcal e que podia ser percebida no abandono às casas-grandes, mas que era menos perceptível nos "jazigos perpétuos", cuja conservação estava ligada a própria conservação do passado, à interferência dos mortos sobre os vivos, o peso da tradição familiar:

*"Era um túmulo com alguma coisa de monumental. Mandara-o levantar família opulenta do tempo do Império. Seu chefe fora ministro de Pedro II. Abandonado, arruinado, sujo, o túmulo patriarcal abria-se naquela tarde de chuva, longos anos depois de falecido o grande do Império que o mandara levantar nos seus dias de morador de sobrado de azulejo da Boa Vista, de dono de carruagem forrada de veludo e guarneida de lanternas de prata, para receber o corpo magro e vestido simplesmente de chita branca, com salpicos azuis de uma pobre velha sua neta, cujo enterro não chegara a atrair as clássicas seis pessoas necessárias para a condução decente de qualquer ataúde." (FREYRE; 2013; p. 47)*

Outro elemento interessante é a presença da literatura dentro da obra *Sobrados e Mucambos*, em diálogo constante com o texto. No capítulo sobre a *Ascensão do bacharel e do mulato* Freyre usa o caso de vários literatos que se encontravam na

posição social que ele estava explorando: a de mulato que se torna bacharel. O autor trata mais particularmente daqueles que foram estudar fora da colônia e que quando retornaram tiveram problemas para se acostumar com sua antiga vida. Esses bachareis que se tornaram "europeizados" voltavam influenciados pelo parnasianismo europeu, caso de Alvarenga Peixoto e de Tomás Antônio Gonzaga, não conseguindo encaixá-lo à natureza "selvagem" brasileira que ia de encontro a seus "*gostos mais finos, preocupações mais intelectuais*" (FREYRE, 2013, p. 716). Entretanto, alguns deles, como o próprio Peixoto, mudariam ao longo dos anos, assumindo uma postura mais patriótica através de um nativismo exaltado que culminaria numa ânsia pela independência.

Dentre esses casos o autor menciona em particular o de Gonçalves Dias, que após sua formação em Coimbra não foi mais capaz de ajustar-se à sociedade imperial, sobretudo os "preconceitos da branquitude" face a um "bacharel moreno ou mulato". Ele argumenta que para entender a tristeza que perpassa a obra de Dias é fundamental considerar, em obras como "Marabá" e na poesia "O Tempo", que elas estão perpassadas pela "*consciência de sua origem: filho de escrava e cafuza*" (FREYRE, 2013, p. 730). A partir disso Freyre vai tentar entender o romantismo no Brasil não como fruto da revolta do indivíduo contra o todo, como defende ter sido o caso europeu, mas sobretudo como ressentimento "a raça definida como branca e pura; ou o sexo definidamente masculino e dominador".

Mas ao longo do capítulo a análise de obras de literatura mostra-se não somente para contextualizá-las do ponto de vista sócio-histórico. Elas vão aparecer como fontes para se entender a mentalidade da época, como é o caso do diálogo estabelecido com obras de Aluízio Azevedo. Primeiro Freyre remete a *O Mulato* (1881) para tratar do mulato que era educado na Europa e que ao voltar para o Brasil era "recebido com constrangimento, com frieza", sendo que no caso do mulato nessa obra isso se dava "pelo fato de ser ele filho de escrava, negra de engenho" (FREYRE, 2013, p. 733-734). O autor afirma que essa obra era "(...) verdadeiro 'documento humano' recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a técnica realista que foi um dos primeiros [Aluízio Azevedo] a seguir entre nós (...)"". Ou mesmo que "(...) Aluízio o seu Dr. Raimundo, mas fotografou-o do vivo, quase sem retoques, segundo o seu método e o de sua escola".

Esse romance aponta para uma sexualização dos mulatos, sobretudo aqueles que vinham de uma educação europeia e retornavam ao Brasil trazendo as marcas de

sua "europeização", encantando as mulheres dos sobrados. Por outro lado, sobre os mulatos pobres pesavam muitas vezes as circunstâncias sociais desfavoráveis por não terem as ligações aristocráticas que tinham os primeiros. As mulatas, em particular, encantariam os imigrantes europeus, portugueses e italianos no geral, mas também atrairiam por seu valor econômico como cozinheiras, doceiras, lavadeiras. Esses mulatos estavam renegados ao espaço dos cortiços, e para ilustrar isso Freyre lembra da obra *O Cortiço* (1890), também de Aluizio Azevedo, "(...) *um retrato disfarçado em romance que é menos ficção literária que documentação sociológica de uma fase e um aspecto característico da formação brasileira*" (FREYRE, 2013, p. 749).

Esses diálogos são fundamentais para entender a posição que tem a literatura para esse autor, não apenas tratando de ficção e de discussão estética, mas também como documentos válidos para a pesquisa sociológica e histórica. Para explorar melhor essa relação, tratarei agora da primeira obra de literatura propriamente que Freyre publicou: *Dona Sinhá e o Filho Padre* (1964).

#### **2.4. Dona Sinhá e o Filho Padre: a sociologia na literatura**

Essa obra, que foi publicada em 1964 junto à editora José Olympio com o subtítulo de seminovela, é muito interessante para se compreender um pouco melhor como se colocam em relação a sociologia e a literatura na produção freyreana. Se a mistura entre escritor, sociólogo, antropólogo e historiador era o que marcava *Sobrados e Mucambos*, aqui essa fórmula é repetida de certa forma. O próprio subtítulo da obra remete em partes a isso: "seminovela". Um estilo que desde princípio já assume caráter híbrido, algo que pende entre a ficção e a história, cujas nuances o próprio Freyre tenta controlar: "*O itálico não aparece no texto deste seminovela para dar ênfase a palavras, porém simplesmente a fim de distinguir o histórico do fictício*" (FREYRE, 1964, p.187). Em itálico o autor traz trechos de jornais, depoimentos de personalidades importantes, trechos de livros históricos, dentre outras fontes.

No livro o autor tenta reconstruir a história de José Maria, um jovem que desde a infância havia sido dedicado pela mãe a ser padre após ser curado de uma doença na infância e cuja formação voltou-se desde sempre a essa finalidade. A Dona Sinhá é apontada como muito característica desse personagem, viúva, firme e de gênero que lembrava o dos Wanderleys. A história também conta com um amigo com o qual José Maria se relacionou, que havia ido à Europa cursar medicina, e o tio do garoto, João

Tavares, também Wanderley no sangue e que não aceitava a formação do sobrinho voltada à fé, que na sua opinião o deixou afeminado.

Entretanto, a forma como a história é introduzida parte de um caso real: Freyre havia mencionado sua vontade em escrever um livro nessa temática, e tendo uma dona sinhá descoberto chamou-o a sua casa e tentou convencê-lo a não fazer; e o que mais chamou sua atenção é que muito dos pormenores que ele havia pensado para sua história coincidiam com os elementos da história que a dona sinhá contava. Isso fez com que ele se decidisse por trazer em parte a própria história do tal José Maria.

*"Pois evidentemente sou um indivíduo deformado quase profissionalmente pela preocupação sociológica com as coisas históricas: mesmo quando às voltas com outros tempos, além do histórico. Com essas cogitações eu às vezes me esquecia do fato extraordinário de ser Dona Sinhá uma espécie de cópia de figura inventada por mim, fora da história; mas que me surgia agora como um original histórico que eu é que passava a copiar" (FREYRE, 1964, p.23).*

A discussão acerca da sexualidade é central ao longo da obra, começando por Freyre tratar da confusão do jovem José Maria quando suas relações com a mãe e com a criada Inácia mudam quanto mais ele vai crescendo e se "tornando homem". Se por um lado isso ocorria na família, na escola o garoto sofria com os comentários dos colegas, que olhavam para ele e seu jeito como o de um "sinhazinha", um "maricas", um garoto com "jeito mais de menina que de menino" (FREYRE, 1964, p.42). Nesse cenário para protegê-lo surge a figura de Paulo Tavares, garoto maior, mais velho, interpondo-se face aos garotos que o atormentavam.

A figura de Paulo é particularmente interessante nessa história. Freyre dedica vários capítulos a tentar reproduzir como foi a volta de Paulo da Europa, seus estranhamentos, suas saudades, e o envolvimento com José Maria, que nessa altura já havia morrido. Lembrando de seu amigo ele recorda-se também do beijo que haviam trocado, cujo registro estava apenas em sua memória e num diário que João Tavares havia fornecido para o autor. Essas reflexões, de forma geral, parecem tratar-se muito de autobiografia: as impressões de Paulo no seu retorno, a falta de algumas coisas que mudaram e outras que foram deixadas na Europa, a recordação da infância plena de lembranças agradáveis, o reencontro com outras que permaneceram, tudo isso parece remeter a impressões do próprio Freyre após seu período de estudos no exterior. Em particular a lembrança do beijo em uma figura que ele identificava como angelical, o próprio Freyre compara tal situação àquela que é apresentada por Pallares-Burke ao explorar a estadia do autor em Oxford e um curto relacionamento com um dos estudantes ingleses.

Outro aspecto interessante é que ao final da obra Freyre acrescenta um tópico que tem por título *Conversa do autor com o leitor, em torno do modo por que foi esboçada a seminovela Dona Sinhá e o Filho Padre*. Aí ele traz uma análise da obra muito mais sociológica e histórica propriamente e que de certa forma tangem menos a literatura que aquelas disciplinas:

*"Este semi-romance - ou seminovela? - ninguém pense que seja, mesmo remotamente, autobiografia disfarçada; ou biografia romanceada; ou história sob a forma de ficção. Terá num ou outro trecho um pouco de biografia não de um indivíduo só, mas de vários, considerados na pessoa imaginária de um tipo como que sociologicamente ideal; e um tanto também de história: história de uma época de transição na vida brasileira e que foi a dos avós, já adultos, e a dos pais, ainda crianças, do autor" (FREYRE, 1964, p.177).*

O autor remete a inspirações na literatura realista inglesa, obras como as de Defoe e Dickens, para tratar de questões da realidade social, através de obras de ficção mas que se valem de tipos ideais. Nesse caso o indivíduo que ocupa a posição de "meio-sexo" em uma sociedade patriarcal como a brasileira. Esse indivíduo sobre como o de *O Mulato*, a primeira vítima dos puristas de sexo, o segundo dos puristas de raça (FREYRE, 1964, p.178). As obras de literatura dessa natureza têm por função a busca da justiça social para esses grupos.

A partir desse objetivo o método utilizado é o do ultrarrealismo baseado em escritos de Defoe como *Journal of the Plague Year* ou *The History of the Plague*, buscando chegar mais ao "real do que o real". Dessa forma:

*"Daí a técnica de detetive (...) por que busca reconstituir os personagens, à base da hipótese ou, antes, da certeza poética, de terem existido e de terem deixado indícios do seu comportamento, dos seus desvios de conduta, do modo por que transferiram para o plano das atitudes e dos atos aprovados pela sociedade a tendência para atitudes e para atos que lhes teriam custado a completa degradação social" (FREYRE, 1964, p.180-181).*

E ainda que *"esse método permite a um escritor ser retrospectivo, através de material informativo ou apenas sugestivo (...) ao qual ele acrescenta, por sua conta (...) reconstituições em extenso"* (FREYRE, 1964, p. 182). Isso Freyre vê aplicado em grandes autores da literatura, como Tolstoi, Proust, Flaubert, Unamuno, Thomas Mann, dentre outros. É justamente esse método que parece constituir a principal ponte entre *Dona Sinhá e o Filho Padre* e *Sobrados e Mucambos*, sendo duas obras que, a primeira de caráter literário e a segunda sócio-histórico, tem esse caráter híbrido. Obras que mesmo tendo um foco disciplinar não resistem a navegar entre várias outras disciplinas. No caso desse romance gera mesmo estranhamento as muitas referências a jornais e outros documentos para lidar com a história de Dom Vital e sua disputa com a

maçonaria, por exemplo, algo que não pode ser encontrado em obras convencionais de literatura.

Até aqui eu segui um esforço de entender como se deu a dinâmica entre a literatura e sociologia partindo principalmente da obra *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, mas também analisando sua trajetória pessoal e intelectual para entender melhor elementos que foram marcantes nas suas obras. Tal esforço coloca-se como importante justamente para refletir em que espaço e de que forma se deu a definição do próprio trabalho sociológico, que inevitavelmente para se consolidar enquanto ciência e ganhar espaço acadêmico teve que assumir posturas epistemológicas, teóricas, metodológicas que ecoam inclusive nos dias atuais.

No caso de Freyre, para além dos elementos sociológicos propriamente que podem ser percebidos e que procurei apontar ao longo desse capítulo que inspiraram sua obra, defendo que seja interessante perceber como para ele em última questão o que estava em jogo era interpretar um dado fenômeno - no caso de *Sobrados e Mucambos*, a decadência da antiga sociedade patriarcal na esteira da reeuropeização e modernização da sociedade brasileira - mais do que encaixá-lo em determinado campo de estudo.

Nesse sentido, proponho que é interessante refletir como determinadas questões, ainda que pautadas de forma mais profunda em uma ou outra disciplina científica (seja filosofia, história, sociologia, ou a própria literatura, como aqui é colocado em questão), perdem elementos fundamentais para a compreensão de fenômenos sociais quando têm como preocupação mais a adequação dentro de determinado quadro teórico e metodológico restritos a uma disciplina do que a explicação mais extensa e ampliada a discussões, teorias e metodologias de uma maior gama de disciplinas.

No caso de Freyre a literatura toma espaço em uma série de dimensões, que transcendem a mera inspiração desse autor através de leituras animadas de grandes obras literárias. O diálogo com a literatura está dado na própria forma como ela pode ver a realidade social e produzir determinadas imagens sobre ela, como está expresso nas pesquisas de Maria Pallares-Burke (2005) e Élide Bastos (1998) com os exemplos da literatura vitoriana e da literatura hispânica, das quais Freyre toma não só essas formas de encarar o social como também produz parte de seus conceitos.

Mas o próprio autor faz questão de afirmar que não se encerra aí seu diálogo com a literatura. Ele está presente na escrita do texto, como procurei mostrar ao longo desse capítulo, mas também no próprio olhar sobre a realidade social, o olhar de escritor

ao qual o próprio Freyre alude; o olhar que permite atingir, descrever e interpretar a vida íntima dos indivíduos, o olhar que oferece uma forma de escapar à análise fria e por vezes rude dessa realidade, e que Lepenies consegue identificar por muitas vezes nas críticas a sociologia que se institucionalizava na Europa na virada do século, da parte de literatos e de críticos literários (LEPENIES, 1996).

Agora parto para uma análise de José Lins do Rego e de sua obra *Fogo Morto* de forma mais profunda. Não só vão me interessar os paralelos, mas também os distanciamentos face ao que foi anteriormente exposto sobre Gilberto Freyre. Por outro lado, também é importante refletir sobre a relação entre sociologia, tomada como análise de realidade social, e literatura a partir desse autor que inquestionavelmente parte desse último campo.

### 3. José Lins do Rego: o romancista da decadência

Tratarei agora de José Lins do Rego, paraibano nascido em 1901 no engenho do Corredor, município do Pilar. Criado com o avô materno, o poderoso José Lins Cavalcanti de Albuquerque, apresentado em algumas de suas histórias como José Paulino, tem uma produção literária em que se destaca o *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, publicado em 6 obras no total: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Fogo Morto* (1943).

Autor associado ao regionalismo pernambucano, suas obras trazem uma característica muito específica: elas têm um caráter autobiográfico, pois não só carregam o cenário da infância do autor, como são construídas a partir de personagens que de fato fizeram parte da sua vida, ou ao menos da região do Pilar. Por isso no prefácio de *Fogo Morto* Otto Capeaux referiu-se a José Lins do Rego como "o último contador de histórias"; sua tia Maria, que criou o garoto nascido no Corredor depois da morte de sua mãe, afirmou ao ser questionada sobre a ficcionalidade dos personagens: "*Não. Quase todo seu mundo é real. Pouca coisa não se passou na vida do menino. Às vezes muda o nome. As personagens são reais*" (MARTINS, 1980, p. 36).

Chaguri (2007) vai em sentido semelhante, argumentando que "*cabe pontuar que as obras do Ciclo da Cana-de-Açúcar permitem analisar com riqueza e profundidade sociológica uma estrutura social cuja tradição e valores não são mais capazes de se sustentar, isto é, perderam organicidade*" (CHAGURI, 2007, p. 13). É justamente esse elemento que mais interessa aqui para efeitos de comparação com a obra de Gilberto Freyre.

Seu livro de memórias *Meus Verdes Anos*, publicado em 1956, é muito elucidativo sobre isso. Sobre essa outra narrativa autobiográfica não menos importante é considerar a ilusão biográfica. A imagem que o próprio Rêgo procura passar, de narrador que no fundo nunca deixou de ser menino de engenho, é constante, e foi assumida de forma passiva em várias das obras biográficas ou de crítica da sua produção. Infelizmente esse não é um tema sobre o qual poderei me aprofundar mais, em função da ausência de recursos e material para pesquisar a fundo essa questão. De qualquer forma, ainda que assumindo essa narrativa, deixo minimamente registrado um sentimento de desconfiança, ou uma certa inquietação com esse discurso tão coeso acerca das influências sobre Rêgo, pensando se não haveria algo mais por trás.

Ao retratar sua infância naquela obra, José Lins do Rego apresenta uma série de personagens e histórias ou temáticas que podem ser observadas no *Ciclo da Cana-de-Açúcar*. Aqui posso destacar a figura do capitão Vitorino Carneiro da Cunha, já ali apresentado como “um bobo”, “meio maluco”; mas também do seu próprio avô, conforme anteriormente observado, chamado José Paulino nas obras de ficção, todo poderoso na região; um último nome a ser citado é o de Antônio Silvino, cangaceiro que é uma vez recebido por seu avô, em um momento que o menino de engenho percebe que o senhor de engenho ali não era a pessoa mais poderosa do mundo.

O saudosismo na forma de lidar com essa infância, pintada sempre em cores vivas, elogiada mesmo nos momentos mais difíceis, é claramente influenciado por seu contato com Freyre, figura que o autor encontrou quando vivia no Recife em 1923. O próprio Freyre reconhece a influência que desempenhou, ao mesmo tempo que destaca José Lins:

"(...) sou obrigado a recordar que alguns dos principais iniciadores desse movimento de ficção foram de algum modo tocados por influências que tiveram seu ponto de partida naquela filosofia [regionalismo pernambucano]: uma filosofia, de certa altura em diante, tão de José Lins do Rego quanto minha" (FREYRE, 1990, p. 93).

Se o período de estudos em João Pessoa foi importante para entrar em contato com algumas obras que o autor vai destacar posteriormente, como *O Ateneu* e *Dom Casmurro*, além de *As Confissões* de Rousseau, conhecer Freyre foi um momento chave. Isso não só pela influência no sentido de estabelecer uma literatura nacional a partir das próprias origens regionais brasileiras, opondo-se ao modernismo do eixo Rio-São Paulo, como por ter sido apresentado a uma série de obras da literatura inglesa e hispânica.

Por outro lado, a ida ao Rio de Janeiro para trabalhar como funcionário público foi fundamental no sentido de estabelecer contato justamente com os autores modernistas de lá. A relação com tais autores foi capaz de romper a polarização mais imediata entre o modernismo e o regionalismo, em alguma medida produzindo uma integração. É o que reconheceu Sergio Milliet: "como carecíamos de humanidade, como éramos cegos à realidade em nosso planalto feliz! Essa obra acordou-nos e fez mais pela unidade nacional do que todos os discursos patrióticos" (MILLIET, 1990, p. 413), é a forma como tratou *Fogo Morto*.

Aqui me interessa a obra *Fogo Morto*, publicada em 1943 pela editora José Olympio, justamente por possibilitar a comparação da forma como uma perspectiva literária pode encarar determinado fenômeno da realidade social semelhante ao que é

trabalhado por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*. Afinal, como argumenta Coutinho, a obra de José Lins do Rego "é uma radiografia da realidade nordestina em um momento de crise; o da dramática transição entre os engenhos decrépitos e a usina nascente (...)" (COUTINHO, 1990, p. 432). A justificativa para trabalhar em específico com esse romance está no fato de ele ter sido visto pela crítica como a obra da maturidade do autor, além de ter como centro a temática da decadência (CHAGURI, 2007).

### **3.1. "O engenho está de fogo morto"**

A obra *Fogo Morto* está dividida em três partes, que correspondem aos três personagens mais trabalhados por José Lins do Rego: o mestre José Amaro, o coronel Lula de Holanda, e o capitão Vitorino da Cunha. Ao longo dessa obra é explorado o cenário de decadência dos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste, especificamente da região do Pilar na Paraíba, local de infância do autor. A decadência está expressa, para além de qualquer problema econômico, na própria vida dos personagens, marcada por decepções e sempre espreitada pela loucura e pela morte.

Na primeira parte é abordado o mestre José Amaro, que tem boa parcela do cenário na sua casa; aqui José Lins expressa o movimento ao longo da estrada, nas idas e vindas das pessoas que por ali passavam. A segunda parte trata do coronel Lula de Holanda, conferindo uma profundidade temporal à história, retomando parte da trajetória do engenho Santa Fé desde o capitão Tomás até que o engenho é assumido por seu genro. Por fim, ao colocar o capitão Vitorino como centro da última, o autor costura a história entre os três personagens, caminhando para um panorama mais geral da decadência.

Cabe aqui ressaltar como esses personagens são trabalhados com profundidade psicológica; o autor navega entre seus pensamentos e passa isso na escrita ao retratá-los em suas nuances, por vezes mesmo caótica, que passa de uma ideia para outra, retomando por vezes algumas que foram apresentadas, por vezes abandonando outras, de forma a romper com uma linearidade. Mesmo as outras personagens são trabalhadas de forma semelhante, ainda que sem tamanha profundidade. A crítica de Antônio Cândido (1990) sobre a obra expressa muito bem isso:

*E o que torna esse romance impar entre os publicados em 1943 - alguns dos quais de primeira ordem - é a qualidade humana dos personagens criados. *Fogo Morto* é, por excelências, o romance dos grandes personagens (...). Nada se sobrepuja aos personagens, literalmente falando; os personagens é*

*que se alçam sobre tudo, dominando os problemas e os elementos com sua humanidade. (CÂNDIDO, 1990, p. 393)*

A importância dessas fortes personagens está não só em conferir valor a obra, como em evitar que ela seja tomada como um mero documento ou um relato autobiográfico: "(...) os personagens (...) constituem aí seres humanos ricos e contraditórios, flagrados em suas relações conflituosas com o meio e revelados em sua dinâmica cotidiana" (COUTINHO, 1990, p. 433).

Parto então para eles. Mestre José Amaro é um homem branco que leva uma vida humilde, exercendo o ofício de seleiro numa casa às margens da estrada que leva ao Pilar. Entretanto, nem por isso ele abandona seu orgulho de homem livre, e ao longo de toda a história tenta reforçar sua posição de valor: "Vai trabalhar para o velho José Paulino? É bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o senhor vê nunca cortaram sola para ele. Tem a sua riqueza, e fique com ela. Não sou criado de ninguém. Gritou comigo, não vai" (RÊGO, 1993, p. 5) é o que diz o mestre em diálogo com o pintor Laurentino logo de início. Essa posição face ao coronel José Paulino, a figura mais poderosa da região, é reforçada em outros momentos, e dela o mestre não abriria mão nem por fortuna, conforme ele afirma.

Mas para o mestre, dois desgostos o acompanham ao longo da obra, marcando permanentemente as reflexões sobre sua própria vida: o ofício de seleiro, cada vez menos valorizado; e ausência de um filho que lhe desse orgulho. Sobre o primeiro aspecto ele fala: "basta lhe dizer que o Seu Augusto do Oiteiro adquiriu na cidade uma sela inglesa, coisa cheia de arrebiques. Pois bem, aqui esteve ela para conserto" (RÊGO, 1993, p. 6). Apesar de ironizar a qualidade do material, ele reconhece como o trabalho tornou-se mais escasso pelo espaço que ocuparam tais selas inglesas no mercado – como se sabe, uma questão que, em linhas gerais, também é abordada em *Sobrados e mucambos*, repleta de referências às implicações do aumento da importação de artigos de consumo provenientes da Inglaterra e da França. O desgosto é maior quando recorda que seu pai já havia feito uma peça dada ao próprio Imperador

A outra inquietação tem uma dupla dimensão, expressa não só na vontade de ter tido um filho homem, quanto no lamento pela filha ainda não casada e que está sempre chorando, algo que incomoda em demasia o mestre ao longo da obra.

*"Bem que podia ter tido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse homem macho, de sangue quente, de força no braço. Um filho do mestre José Amaro que não lhe desse o desgosto daquela filha. Por que chorava daquele jeito? Sempre chorava assim sem que lhe batessem" (REGO, 1993, p. 10).*

Entretanto, mesmo quando fala sobre esses assuntos, José Amaro faz questão de reforçar que não o faz em tom de queixa, mas apenas de descrição - um esforço de reforçar uma imagem firme e que aguenta tranquilamente esse tipo de sofrimento. E é na família que o seleiro tenta exercer uma autoridade que na sua concepção lhe garantiria o respeito merecido, tanto com a esposa, quanto com a filha; nesse sentido o personagem invoca a masculinidade em uma passagem elucidadora: “*Nesta casa mando eu. Quem bate sola o dia inteiro, que está amarelo de cheirar sola, de amansar couro cru? Falo o que quero, Seu Laurentino. Isto aqui não é casa de Vitorino Papa-Rabo. Isto é casa de homem*” (RÊGO, 1993, p. 7).

Em uma das poucas vezes ao longo da obra que o narrador dá seu parecer sobre a questão, ainda no primeiro capítulo, a situação do mestre é apresentada através de sua ânsia em controlar tudo. E no seu comportamento por vezes bipolar, ou ao menos explosivo em muitos casos, a família é sempre um assunto chave:

“*Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. Aquele Laurentino sairia falando da casa dele. Tinha aquela filha triste, aquela Sinhá de língua solta. Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola*” (REGO, 1993, p. 9).

Os impulsos do mestre, a raiva que sentia dentro de si de uma hora para outra, e que se mostrava em ímpetos violentos, refletiam-se não só sobre a família, com gritos para a mulher e a filha, além de uma agressão física que será chave para a loucura da garota; eles se expressavam também nas conversas com as pessoas que passavam pela estrada, sobretudo quando questionado por elas sobre sua posição política, se como alegava Vitorino, o mestre estaria contra o atual governo do Pilar.

Somado a isso, sua aparência cada vez mais amarelada e as saídas à noite para tentar relaxar, escapando ao ambiente doméstico que lhe era quase contaminante, surgiu em torno dele a história de que era lobisomem. Isso o atormentou em alguma medida, fazendo refletir se sua imagem era tão ruim a ponto de assustar os outros, parecendo lobisomem; e o desgosto era maior por ter caído nas fofocas e histórias do povo, e pensar que falavam dele incomodava ainda mais, principalmente a imagem que tinha de homem correto, trabalhador e honesto.

Em determinado momento da história uma figura surge para trazer um pouco de esperança e movimento para a vida do mestre, uma quase alternativa para seu desgosto. Trata-se do cangaceiro Antônio Silvino, saudado em vários momentos por José Amaro: “*O nome de Antônio Silvino exercia sobre ele um poder mágico. Era o seu vingador, sua força indomável, acima de todos, fazendo medo aos grandes*” (REGO,

1993, p. 52). O estilo de vida e o sistema de ação dos cangaceiros vão atrair o mestre em vários momentos por sua coragem, vigor, e inclusive pela oposição aos senhores de engenho, aos quais do contrário ninguém passaria perto de fazer frente.

Só que mal houve tempo para o mestre desfrutar dessa breve luz que lhe surgiu no caminho; durante uma de suas caminhadas à noite foi acometido de um "passamento", tendo sido levado inconsciente para a casa, de forma a alimentar ainda mais a história de lobisomem. Segue-se a isso um surto de sua filha Marta, poucos dias depois, ao qual o mestre responde com uma surra que define de vez a loucura da garota, e a desgraça sobre a família. A atitude do mestre, certo de que era a única solução para o problema da filha, sela a desgraça de sua família, sobretudo de Dona Sinhá, que é tomada de vez por um ódio face ao marido, combinado a um medo por sua instabilidade e constantes acessos de raiva.

As conversas na frente da casa do mestre, com aqueles que caminhavam pela estrada, são entrecortadas pelos gritos e gargalhadas da filha; isso vai sendo narrado até o momento em que Seu José Amaro e a família são expulsos das terras pelo coronel Lula, episódio que será explorado mais adiante, quando sua esposa e sua filha vão para a capital acompanhadas da comadre Adriana (esposa de Vitorino), deixando o mestre sozinho. E nessa solidão, uma reflexão é sempre marcante: o medo que sua figura passou a provocar nas pessoas, que olhavam para ele e viam um monstro, algo muito incômodo e que gerou insegurança nessa personagem.

Uma temática especialmente interessante a partir do mestre é como lida-se com a questão racial, com destaque para a forma como é construído o personagem de José Passarinho, negro que durante boa parte da história é retratado andando bêbado pelas estradas. Uma passagem é bastante indicativa: "*Nunca pensara que aquele negro imundo, de cara de cachaceiro, tivesse tanta coisa dentro de si, aquela história, aqueles amores (...)*" (REGO, 1993, p. 61). Sobre isso é interessante refletir sobre a própria forma do mestre se destacar, do ponto de vista da estratificação social, como homem branco pobre, pois é justamente sobre a figura de homens negros que isso é feito. Ao longo da história isso também aparece em algumas falas de Vitorino, insinuando que numa "conversa de homem" não devem se intrometer "mulheres e negros", colocando a figura do homem branco em um nível social acima das possibilidades de acesso dessas categorias excluídas.

O coronel Lula de Holanda é um homem que veio de Recife para casar-se com Dona Amélia, filha do antigo senhor do engenho Santa Fé, o capitão Tomás. Entretanto,

sua família destacava-se das demais da região. Eles andavam em um cabriolé, único da região e trazido da capital, que passava com suas luzes e sinos chamando a atenção das pessoas pela estrada. Não só nas posses, mas também pelo comportamento, o coronel não se sentia próximo das pessoas do Pilar. Nascido e educado fora dali, assim como sua mulher que sabia tocar piano, seu contato era basicamente com o coronel José Paulino, que ele não via como tão embrutecido quanto os demais senhores de engenho.

Foi o capitão Tomás Cabral de Melo quem fez a grandeza do Santa Fé. Começando do zero, com um engenho que não era tão expressivo em extensão quanto os demais da região, ele fez a partir do seu trabalho diário rigoroso, além de sustentado nos escravizados, um engenho extremamente produtivo. Com a riqueza produzida ele, que era líder do partido liberal na região, investiu também na educação de sua filha, Amélia, pois *"não queria mulher dentro de casa fumando cachimbo, sem saber assinar o nome, como tantas senhoras ricas que conhecia"* (REGO, 1993, p. 123).

Retomando a história do Santa Fé, José Lins do Rego descreve como grande acontecimento a chegada do piano comprado do Recife para Amélia tocar. O autor mostra como nos momentos em que ela tocava suas tristes valsas a casa-grande inteira parava para escutar. Entretanto, a filha que não se casava, além da outra, Olívia, que adoecera e voltara louca para sua casa, deixam em melancolia o capitão - que vai retomar sua energia em uma caçada ao negro Domingos, que havia fugido de sua propriedade. Aqui é interessante a forma como as relações de dominação e a consolidação do poder do capitão no controle rigoroso de seus escravos são apresentados como chave para seu bem-estar, inclusive fazendo-o esquecer de seus problemas.

O capitão alivia-se quando um primo de Recife, Luís César de Holanda, pede Amélia em casamento. Entretanto, a tensão que se desenvolve a partir de então é que Lula não tinha nenhuma habilidade ou interesse em administrar o engenho: *"Negro precisa de senhor de olhos abertos, de mãos duras. O genro pareceu-lhe uma leseira"*. Não só nos assuntos econômicos ele desapontava; também na política não tinha interesse, algo que será retomado ao longo da história para explicar o maior isolamento e incapacidade da figura do coronel Lula em destacar-se na região, entregue tão somente à religião e desprezando as relações político-partidárias. Tinha uma filha que tocava piano, um genro que trouxe o cabriolé do Recife, que se destacava na região, mas não tinha confiança sobre o futuro do Santa Fé.

Ao morrerem de desgosto o capitão Tomas e Dona Mariquinha, sua esposa, Lula assume o engenho e transforma sua personalidade, que já dava indícios de agressividade, de prazer em maltratar os escravizados:

"Tudo o que queria era viver só, sem visitas, sem festas, com seu engenho dando o que lhe desse. Os negros sofriam com o seu Lula. (...) o feitor Deodato, com a proteção do senhor, começou a tratar a escravatura como um carrasco. (...) Todos os dias chegavam negros chorando aos pés de D. Amélia pedindo valia, proteção contra o chicote de Deodato. (...) Ninguém compreendia aquela transformação na escravatura do Santa Fé. Sempre foram negros mansos, cordatos, e agora para trabalhar só o faziam apanhando"

(REGO, 1993, p. 150).

Aqui é apresentado um tema por Lins do Rego que também foi caro a Freyre: a relação entre senhor e escravo como nem sempre carregada do caráter mercantil e violento. A influência da ideia de equilíbrio de antagonismo é evidente quando o autor fala dessa crueldade arbitrária com que o coronel Lula tratava seus escravizados, condenada pela população que tomava conhecimento das terríveis histórias.

E assim o Santa Fé vai perdendo a cada dia o vigor que tinha na época de seu sogro; com a abolição da escravatura todos os negros se foram do engenho, fugindo ao tratamento conferido pelo senhor de engenho. As safras, cada vez menores, foram colhidas com trabalhadores conseguidos com a ajuda do Santa Rosa (engenho de José Paulino), e no jornal da Paraíba o Santa Fé foi apontado entre outros engenhos por crimes de escravidão, pelas histórias de tortura de negros que se haviam espalhado. A imagem monstruosa do coronel Lula foi reforçada por seus ataques de epilepsia, um deles dentro da Igreja, que assustou o povo e fez com que houvesse um afastamento cada vez maior do Pilar - para onde só ia acompanhar as missas.

Na vida do engenho, tão desprezada pelo seu senhor, o único prazer estava no contato com sua filha Neném. A própria Dona Amélia vê isso com algum incômodo em decorrência do marido que não lhe dirigia mais afeto, como nos primeiros momentos do casamento.

A operação de afastamento cada vez maior do Santa Fé está associada não só a essa imagem negativa, como a outros elementos. O desinteresse do Seu Lula pelos assuntos políticos impediu-o de desenvolver a mesma rede de relações e poder que o sogro tinha na região. Além disso, o próprio senhor de engenho não queria se misturar com a gente do Pilar, que não tinha a mesma educação e classe que ele, assim como o restante da família educada no Recife, tinha. O próprio cabriolé, trazido de lá pouco

tempo depois do casamento com Dona Amélia, é muito indicativo disso. Único na região, ele sempre chamava a atenção ao passar com suas luzes e campainhas, atraindo os olhares das pessoas ao redor.

Para além disso, o sentimento de injustiça e orgulho também marcam o coronel Lula ao longo da história e justificam a relação que ele decide estabelecer com as pessoas da região. A raiva que se apodera dele em muitos momentos da história vem acompanhada de ataques de epilepsia, um deles, conforme há pouco mencionado, sofrido no meio da Igreja durante uma missa, que contribuíram para diversas histórias surgirem e fofocas serem criadas. Mas esses sentimentos refletem-se sobre as impressões de sua vida antes mesmo da ida ao interior da Paraíba:

*Tinha sido roubado. Mataram-lhe o pai, roubaram-lhe o que era de sua mãe, roubaram-lhe os negros com a lei. E a figura do vizinho, o rico José Paulino, mandando-lhe patente de coronel, comprando terras para livrá-lo de uma questão perigosa, tudo isso que aos outros poderia parecer uma grandeza d'alma, doía-lhe como ofensa, como ultraje. Estava reduzido a nada. (REGO, 1993, p. 163)*

E de outro lado ele reforçava seu sentimento de superioridade:

*Era maior que todos. Disto estava certo. O que valia a riqueza de José Paulino, se não educava as filhas como ele fazia, que não dava valor ao sangue de Cavalcanti que corria nas suas veias? Não, por mais que o Santa Fé minguasse, mais ele não se sentia forte no seu orgulho, na sua vontade de ser só, no meio daquela canalha do Pilar (REGO, 1993, p. 164).*

Essa postura do personagem será central para operar uma grande mudança na obra, quando sua filha se enamora do procurador da cidade, e o pai afirma que prefere vê-la morta a vê-la casada com alguém que não fosse de seu nível. Isso toma dimensão central na obra, pois em um de seus acessos de ciúme e fúria o coronel Lula atira em uma de suas bestas no quintal, achando que era o pretendente de sua filha; a história, espalhando-se pela cidade, mancha sua imagem, somada aos boatos sobre os maus tratos aos escravizados, bem como a forte impressão deixada pelos ataques de epilepsia, descritos como horríveis e que assustaram a população do Pilar quando aconteceram em festas, mas especialmente em um dia de missa.

A partir desse episódio a decadência do Santa Fé é descrita com maior ênfase, com a produção decaendo a cada ano, seu senhor que não encontrava alento nem mesmo na companhia da filha. Mas as aparências garantidas, inclusive pela própria Dona Amélia, que passou a sustentar o engenho não só com o dinheiro herdado do pai, o capitão Tomás, mas também com a produção de suas galinhas. É ela própria quem reconhece a necessidade de não se permitir que as pessoas da região descobrissem, pois isso seria colocar em xeque a figura do senhor de engenho, que tinha de ser sustentado

pela esposa. Além disso, a resistência à modernização do processo produtivo também está presente:

*A barba do Seu Lula era toda branca, e as safras de açúcar e de algodão minguavam de ano para ano. As várzeas cobriam-se de grama, de mato-pasto, os altos cresciam em capoeira. Seu Lula, porém, não devia, não tomava dinheiro emprestado. Todas as aparências de senhor de engenho eram mantidas com dignidade. (...) E enquanto na várzea não havia mais engenho de bestas, o Santa Fé continuava com as suas almanjarras. Não botava máquina a vapor. (REGO, 1993, p. 171)*

Entretanto, o auge da decadência do engenho não está expresso apenas na produção cada vez menor, mas no desgaste de sua imagem, principalmente de seu senhor. Há um episódio em particular, um dia em que o engenho foi alvo de chacota, seguido por um ataque de Seu Lula e por uma crise de Neném, em que D. Amélia constata isso:

*Dentro de sua casa havia uma coisa pior do que a morte. Não havia vozes que amansassem as dores que andavam no coração de seu povo. (...) Caiu nos pés de Deus, com o corpo mais doído que o de Lula, com a alma mais pesada que a de Neném.*

*Acabara-se o Santa Fé. (REGO, 1993, p. 183)*

Aqui é importante ressaltar como dois personagens são colocados em uma situação muito semelhante através de uma temática base: a decadência. Os paralelos entre o mestre José Amaro e o coronel Lula de Holanda são vários, em detrimento de suas situações sociais completamente diferentes: um, seleiro; outro, senhor de engenho. Mas a insatisfação com a própria vida de forma geral, as dificuldades com suas atividades econômicas, as doenças que assolavam os dois, as filhas que não conseguiam se casar, a loucura sempre a espreita. Além disso, são personagens para os quais o tema do orgulho é central, sempre sentindo-se atacados, inconformados pela forma como suas vidas tornam-se em alguns momentos matéria-prima para histórias e fofocas entre a população da região. É o que aponta também Antônio Cândido, pois "como o coronel Lula de Holanda, Zé Amaro tem um grande e doloroso sentimento de inferioridade, do qual nascem a desconfiança com tudo e com todos e a doença do prestígio" (REGO, 1993, p. 395).

Justamente por isso a cena em que o coronel Lula expulsa o mestre José Amaro de suas terras é muito interessante.

*-Hein, mestre José Amaro, eu mandei chamá-lo para saber de coisas que o senhor anda dizendo, hein?*

*-Coronel, eu não sei de nada. Vivo na minha casa, do meu trabalho.*

*-Quem manda nesta terra, hein, mestre José Amaro?*

*-Quem manda é o senhor de engenho.*

*-Mando eu, hein, mestre José Amaro?*

(...)

*O sol iluminava as barbas brancas do velho. Ele tinha naquele momento um tamanho de gigante, em cima dos batentes de pedra. La embaixo estava o mestre José Amaro que falara de sua filha, D. Neném. (REGO, 1993, p. 107-108)*

O diálogo entre os dois pode ser pensado através de uma analogia com as posições que os dois ocupam na cena. O senhor de engenho, ainda que em decadência, está no alto de seu alpendre da casa-grande. O seleiro, que se dirigiu até ali para atender ao chamado do coronel Lula, espera aos pés da escada, olhando para o alto, um poderoso que pode ditar as regras sobre boa parte da sua vida, contida na casa que está em sua propriedade. O afastamento social, a partir das classes dos dois, está aqui exposto de forma evidente. Mas tentando argumentar sobre a intriga causada pelo negro Floripes, afilhado do coronel, o mestre José Amaro prossegue:

*-Coronel, o senhor não deve ir atrás das intrigas daquele negro. Eu sou homem de respeito.*

*-Hein, mestre José Amaro, o seu pai matou em Goiana, não é verdade, hein, mestre José Amaro? Eu não quero assassino no meu engenho. Não é, Amélia? Pode procurar outro engenho, mestre José Amaro. Hein, mestre José Amaro, ouviu? Procure outro engenho.*

*Aquilo foi como uma bofetada na cara. O mestre deu dois passos para trás, estava com os olhos esbugalhados, com um nó na garganta. E quando pode falar, não via ninguém na sua frente, via só a luz do Sol faiçar na parede branca da casa.*

*-Não sou cachorro, Coronel Lula. Não sou cachorro.*

*E fez menção de subir os batentes. O velho gritou lá de cima:*

*-Hein, não ponha os pés nessa casa.*

*D. Amélia apareceu do lado de fora:*

*-Mestre José Amaro, o senhor não se atreva a toar no meu marido.*

*Aquela figura de mulher, que o mestre sempre se acostumara a admirar, abrandou-lhe a cólera. (REGO, 1993, p. 108)*

Antes de prosseguir com a história de decadências dessas duas figuras, pretendo tratar brevemente de uma terceira, utilizada na história para ligar as anteriores, mas que vem em um movimento completamente oposto. As primeiras vezes em que o capitão Vitorino é apresentado na obra, ainda quando a narrativa centra-se no mestre José Amaro, sua figura é vista com desprezo ou deboche pelos personagens. Suas andanças em cima de uma égua são sempre marcadas por crianças que estão ao redor gritando "papa-rabo", provocações seguidas da ira de Vitorino. O papel de bobo dado nessa primeira impressão sempre incomoda muito seu compadre José Amaro, que enxerga o capitão como um homem à toa e que não consegue o respeito.

Essa figura que fazia graça por onde passava, ainda que não intencionalmente, é também vista como um problema na medida em que se colocava em uma série de

confusões. A própria Dona Adriana, esposa de Vitorino, enviou seu filho para a marinha tão logo pôde para que o garoto não estivesse exposto às loucuras do marido, e a humilhação de ver o pai como motivo de chacota.

Entretanto, como comentou-se muito na crítica, o capitão Vitorino é alçado a condição de personagem quixotesca ao longo do volume. Sua honestidade e espontaneidade marcam muitas de suas passagens no romance, sobretudo quando envolve-se com questões políticas, assumindo o papel de oposição ao governo que trata com privilégios os grandes da terra. De qualquer forma, as referências a si mesmo em terceira pessoa, reivindicando para o capitão Vitorino Carneiro da Cunha o respeito que lhe seria devido, fixam essa ideia de uma figura que é tomada como um bobo. Mas também de alguém que não tem plena consciência de suas ações, ou pelo menos que não pode responder plenamente por elas; entretanto, essa mesma figura termina na condição de herói da história. Nas palavras de Antônio Cândido "Vitorino Carneiro da Cunha é um herói louco, como o puro herói tem que ser. Por isso, enquanto os outros declinam e caem, entregando-se ao desespero, ele cresce" (REGO, 1993, p. 396).

Essa virada opera-se a partir de sua prisão, feita pelo Tenente Maurício, encarregado da captura do cangaceiro Antônio Silvino, que alegou ter sido insultado por Vitorino. O capitão, por sua vez, justificou sua prisão com razões políticas, discurso endossado pelo jornal de oposição da Paraíba:

*Enquanto os cangaceiros infestavam o Estado, permitia o governo que se abusasse da tranquilidade de um cidadão pacatíssimo, homem de convicções firmes, que punha os interesses de sua terra acima de sua conveniência de família. O artigo exaltava a bravura cívica do político pilarense, correligionário da candidatura da salvação. Com isto Vitorino encheu-se de mais importância. (REGO, 1993, p. 214)*

O auge é alcançado por Vitorino ao enfrentar o bando de cangaceiros de Antônio Silvino, que invadiram o Santa Fé em defesa da permanência do mestre José Amaro (que já havia ajudado em algumas oportunidades o bando) e buscando objetos preciosos que conferissem mais dinheiro para eles. Apesar de a situação ter sido controlada pelo coronel José Paulino, o mais poderoso senhor de engenho da região, seu primo Vitorino destacou-se mais uma vez, sabendo usar a situação para se comunicar mais uma vez com a oposição da Paraíba, criticando o governo por não conseguia lidar com os cangaceiros. E como o único homem do pilar a enfrentar o cangaceiro, ele conseguiu o respeito e cessaram-se as frequentes brincadeiras dos moleques que o chamavam "papa-rabo".

Em suas reflexões ao final da obra, depois de ter tirado da cadeia o mestre José Amaro, o cego Torquatto e José Passarinho, todos presos para depor sobre suas conexões com o cangaceiro Antônio Silvino, o capitão Vitorino reflete sobre sua grandeza, e como foi capaz de enfrentar o próprio tenente José Maurício: "Era Vitorino Carneiro da Cunha. Tudo podia fazer, e nada temia. Um dia tomaria conta do município" (REGO, 1993, p. 256).

Se até aqui tratei das vitórias que alcançou Vitorino, para encerrar cabe retomar a decadências dos outros dois personagens centrais. Assim como já argumentei pelos paralelos entre a história de ambos, encerro abordando o diálogo entre o capitão Vitorino e José Passarinho que finaliza o livro. Ele exprime o fim do mestre José Amaro, encontrado por Passarinho com uma faca enterrada no coração, suicídio fruto da solidão em que se encontrava após ter afastado sua família, bem como da sua imagem destruída, primeiramente associada a um monstro, depois à prisão da qual Vitorino lhe libertou. Mas também o fim do engenho Santa Fé, que não consegue mais produzir e por isso está de "fogo morto", como indica Passarinho; somado a isso está a imagem do coronel Lula, atacada pela última vez com a invasão dos cangaceiros em sua casa-grande, destruindo e revirando móveis a procura de dinheiro e riquezas. O coronel, incapaz de defender-se, necessitou contar com a ajuda de Vitorino e José Paulino para retomar o controle de suas posses, um ataque final ao seu orgulho.

De qualquer forma, Mariana Chaguri (2007) fornece uma chave interessante para trabalhar com *Fogo Morto*: pensá-lo mais como um romance da decadência, algo que já havia sido acentuado por Antônio Cândido, mais do que como um romance de transição. O que se vislumbra aqui é um mundo que claramente não se sustenta mais, enquanto de outro lado não há nenhum novo mundo possível no horizonte. Dessa forma, personagens como José Amaro e Lula de Holanda perdem-se em meio à desesperança, à loucura e à morte, enquanto outros mantêm sua posição, o caso de José Paulino, ou mesmo destacam-se, como aconteceu com Vitorino.

### 3.2. Texto e Contexto na discussão de *Fogo Morto*

Nesse momento faz-se necessário retomar a obra de Gilberto Freyre para pensá-la em relação a obra de José Lins do Rego. Os dois autores, como já foi apontado anteriormente, nasceram em contextos históricos e em classes sociais muito semelhantes. Além disso, essa herança fica ainda mais evidente quando tomadas suas

obras, partindo de uma inspiração temática comum: o regionalismo. Essa é a base fundamental de inspiração para lidar com um objeto também comum, a saber, a decadência da antiga família patriarcal, dos engenhos de açúcar do Nordeste, da cultura mais oriental e ibérica que fundou a sociedade brasileira, tendo seu lugar tomado pelos agentes da modernidade, pela Europa burguesa e carbonífera, pelas usinas de açúcar, pelas máquinas.

Entretanto, esse olhar crítico e, por vezes, melancólico dirigido sobre a modernidade não prejudica de todo a riqueza das suas obras aqui analisadas. Para ambos os momentos descritivos estão pautados também por preocupações literárias estéticas, voltando-se para os elementos mais simples da realidade, uma estratégia que já indiquei ter sido defendida por Freyre como ideal para se abordar e reconstruir a vida íntima dos indivíduos.

Só que esse foco não deixa perder de vista aspectos mais estruturais da realidade social, pois a mudança na paisagem cotidiana é reflexo de processos mais gerais. Em Freyre isso é evidente através do processo de modernização brasileira, ou que em alguns momentos ele indica como reeuropéização; mas Lins do Rego também ressalta essas mudanças na decadência de duas de suas personagens centrais: para mestre José Amaro isso se reflete na perda do valor do trabalho manual, cujos produtos são substituídos por mercadorias importadas da Inglaterra (as quais o autor não deixa de indicar as críticas, por serem menos duráveis, de menor qualidade). Já para o coronel Lula a decadência do Santa Fé é resultado misto de sua incapacidade de gerir o engenho - somada a sua violência para lidar com os empregados, estilo de comando que já não tem mais espaço nesse novo cenário social pós-escravidão - e de sua posição resoluta em não trazer as máquinas para o engenho, adotando assim a lógica das usinas mais produtivas como faziam os antigos engenhos vizinhos.

## Considerações Finais

É possível dizer que obras sociológicas que anunciam grandes sínteses teóricas, ou determinadas agendas chamativas capazes de romper com paradigmas anteriores, acabam desapontado no final na medida em que a poeira levantada começa a dissipar-se. Um caminho mais modesto pode ser mais seguro, e provavelmente meu trabalho peixe por se aproximar do primeiro caso. Na introdução anunciei questões demasiado profundas, para as quais o espaço de uma monografia não é capaz de dar conta. Além disso, a maioria dos problemas expostos não tiveram soluções ao longo dessa reflexão - e muito provavelmente assim permanecerão durante um bom tempo.

Ainda assim cabe um esforço de síntese do que fui capaz de dar conta. Farei isso retomando dois pontos que trabalhei nas páginas dessa monografia. O primeiro diz mais respeito a Gilberto Freyre especificamente, e me parece ser uma questão metodológica digna de atenção: a preocupação com a compreensão e interpretação do fenômeno social acima de tudo, mais do que a inclusão do trabalho nesta ou naquela área do conhecimento.

O anúncio da especialização disciplinar e a consequente fragmentação da produção científica em campos cada vez mais particulares e restritos a si mesmos, por vezes mesmo incapazes de diálogo, já foram notados desde os primórdios da institucionalização da sociologia - cito as observações de Weber em *Ciência como Vocation*, para me restringir a um exemplo. Nesse contexto Freyre expressa uma tendência oposta, e um caminho possível para escapar a alguns dos problemas dessa especialização (que também não quero tornar fonte das mazelas da ciência, pois também tem suas qualidades).

Sua preocupação ao longo de *Sobrados e Mucambos* está na compreensão das transformações sociais, econômicas, políticas, culturais, e mais especificamente na vida íntima do Brasil ao longo do processo de reeuropeização, intensificado no século XIX, mas que se desdobra no século XX - causa das lamentações de Freyre e de todo movimento regionalista pernambucano. E para isso o autor não está preocupado em fazer um trabalho de sociologia, de antropologia, de história, ou mesmo de literatura. Ele se vale de contribuições desses vários campos, operando uma síntese de elementos, mas sobretudo de possíveis visões sobre a realidade social, para realizar sua análise.

O segundo ponto é a tentativa de resposta para meu problema de pesquisa. Tentativa justamente por haver ainda muito para explorar e avançar a respeito da

questão de como a literatura pode contribuir enquanto ferramenta de análise da realidade social - arrisco-me a dizer, inclusive, que há ganhos maiores, não liquidando de vez essa questão, uma vez que ela parece ter muito a render enquanto não for encerrada por uma resposta.

Minha primeira consideração aqui será sobre o estilo de escrita. Talvez um tema a primeira vista menor, que lida mais com a forma de apresentação da pesquisa do que com seus conteúdos propriamente. Mas tento ver de uma forma diferente: nas ciências sociais nosso instrumento fundamental de comunicação é a linguagem escrita, e se essa é uma afirmação óbvia, menos provavelmente é chamar a atenção para escrever de uma forma atenta ao desenvolvimento estético. Isso é mais importante ainda quando na própria formação de um cientista social o exercício da escrita, que depende, ao que me parece, da leitura e da prática constante, não tem a devida atenção.

Esse cuidado estético está muito além da mera fruição do texto, algo que não pode ser menosprezado nas obras como *Sobrados e Mucambos* e *Fogo Morto*. O que pude perceber ao longo deste trabalho é que se constitui também elemento fundamental para incitar qualquer coisa de mais subjetivo, da forma de compreensão do leitor face a essas obras. Sendo assim isso ajuda a evidenciar o que Auerbach e Cândido apontavam como a capacidade de ir além da realidade, virtude da obra literária - por mais que minha análise aqui, pautada em uma formação mais estritamente sociológica, não consiga dar conta com maior sofisticação desse debate.

Trata-se de uma forma de enxergar a realidade através de uma obra que não tem por intenção um retrato fiel dessa mesma realidade - e aqui está o olhar artístico, saudado por Freyre em *Como e porque sou e não sou sociólogo* como o olhar de escritor. Essa apreciação tem no fundo um potencial de universalidade, como desenvolveu Auerbach, capaz de acionar os sentimentos de realidade, que no fundo são sentimentos humanos compartilhados. Dimensão que escaparia à *Sobrados e Mucambos* não fosse a preocupação de Freyre com ele; e que ao mesmo tempo confere a especificidade dessa obra.

Encerro justamente tratando do tema da universalidade, partindo de realidades extremamente locais; a busca da universalidade que parte do conhecimento minucioso de sua própria aldeia, como colocou Tolstói. Trato disso justamente porque essa nunca deixou de ser uma preocupação do Regionalismo, senão mesmo tenha sido sua principal raiz. Apesar de motivados por questões específicas, pelo incômodo face à reforma urbana no Recife, pelas características de um mundo moderno que se chocava com

lembranças de uma infância mais tradicional, tanto Freyre quanto Rêgo não abrem mão de lidar com a própria condição humana, em alguma medida.

Daí a importância de ter tratado desde o início o Regionalismo pernambucano, pois essa pretensão estava expressa já no Manifesto. Freyre fala que reivindicar a região não é, de forma alguma, negar o nacional, ou mesmo o universal. É criar a possibilidade de pensar espaços culturalmente significativos; mas lendo *Sobrados e Mucambos* é possível ir além: lidar com a região é também suscitar temas que são muito mais amplos. Falar dos mucambos é falar de todo o trópico. Falar da modernização, das alterações na paisagem urbana, econômica, social, é falar de mudanças que também se processam no mundo como um todo.

José Lins do Rêgo não está atrás. Os personagens de *Fogo Morto* são personagens do interior da Paraíba do final do século XIX; mais ainda, são personagens que em alguma medida correspondem a pessoas que passaram pela vida do autor. Essa estrutura social, e as mudanças que nela se operam à medida que caminha o próprio romance, são incorporadas na sua estrutura interna e ilustram o paradoxo de Cândido. A particularidade é radicalizada pela profundidade psicológica dos três personagens centrais; eles são únicos, e quase saltam em vida aos olhos do leitor. Só que de alguma forma isso faz ressaltar justamente a universalidade por trás dessas figuras criadas; elas são pessoas que poderíamos encontrar no nosso cotidiano, e com as quais compartilhamos sentimentos - guardando uma dimensão empática -, pois uma característica torna possível uni-las e assim compreendê-las: humanidade.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Rodrigo. **Dona Sinhá e o Filho Padre: o modo Gilberto Freyre de fazer literatura.** IN: OLIVEIRA, C. A. B.; MOLLO, H. M.; BUARQUE, V. A. C. *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos Estudos Literários.** 2ª edição. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BASTOS, E. R. **Iberismo na Obra de Gilberto Freyre.** Revista USP, São Paulo (38): 48-57, junho/agosto de 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os Autores Brasileiros e o Pensamento Hispânico.** Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** 9ª edição. Campinas: Papirus, 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. **Um Romancista da Decadência.** IN: COUTINHO, Eduardo F. & CASTRO, Ângela Bezerra. *José Lins do Rego*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.** 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- \_\_\_\_\_. **O Direito à Literatura.** IN: Vários escritos. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CASTALLO, José Aderaldo. **José Lins do Rêgo: modernismo e regionalismo.** São Paulo: Edart, 1961.
- CHAGURI, Mariana Miggioro. **Do Recife dos anos 20 aos Rio de Janeiro no anos 30: José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo.** Campinas, São Paulo, 2007 (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_. **As escritas do lugar: região e regionalismo em José Lins do Rego e Erico Veríssimo.** Campinas, São Paulo, 2012 (Tese de Doutorado).
- COUTINHO, Eduardo F. **A relação arte/realidade em Fogo Morto.** IN: COUTINHO, Eduardo F. & CASTRO, Ângela Bezerra. *José Lins do Rego*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1990.
- CRESPO, R. A. **Gilberto Freyre e suas Relações com o Universo Cultural Hispânico.** IN: KOSMINSKY, E. V *et all.* *Gilberto Freyre em Quatro Tempos*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CRISTÓVÃO, F. A. **A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica.** Ciência & Trópico, Recife, 12(2): 195-210; jul. /dez. - 1984.

DIMAS, Antônio. **Um Manifesto Gulosso.** IN: Gilberto Freyre. Manifesto Regionalista. 7ª edição revisada e aumentada. Recife: Ed. Massangona, 1996.

DIMITROV, Eduardo. **Regional como opção, regional como prisão: trajetórias artísticas no modernismo pernambucano.** USP, São Paulo, 2013 (Tese de Doutorado).

FREYRE, Gilberto. **Como e Porque sou e não sou Sociólogo.** São Paulo: Editora UnB, 1968.

\_\_\_\_\_. **Dona Sinhá e o Filho Padre: seminovela.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Regionalista.** 7ª edição ver. e com. Recife: Ed. Massangona, 1996.

\_\_\_\_\_. **Recordando José Lins do Rego.** IN: COUTINHO, Eduardo F. & CASTRO, Ângela Bezerra. *José Lins do Rego*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sobrado e Mucambos.** 1ª edição digital. Global Editora: São Paulo, 2013.

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas: sociologia entre a ciência e a literatura.** São Paulo: EdUSP, 1996.

MARTINS, Eduardo. **José Lins do Rego: o homem e a obra.** Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba: João Pessoa, 1980.

MEUCCI, Simone. **Gilberto Freyre e a Sociologia No Brasil: da sistematização à constituição do campo científico.** Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

PALLARES-BURKE, M. L. G. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos.** São Paulo: editora Unesp, 2005.

MILLIET, Sérgio. **A obra de José Lins do Rego.** IN: COUTINHO, Eduardo F. & CASTRO, Ângela Bezerra. *José Lins do Rego*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1990.

RÊGO, José Lins. **Fogo Morto.** 41ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1993.

\_\_\_\_\_. **Meus Verdes Anos.** 9ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

\_\_\_\_\_. **Prefácio de Região e Tradição.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

- REZENDE, Maria José de. **Sobrados e Mucambos e a Mudança Social no Brasil.** Revista USP, São Paulo, n.51, p. 190-207, setembro/novembro 2001
- SCHNEIDER, A. L. **Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre.** História da Historiografia, Ouro Preto, nº 10: p. 75-93; dezembro de 2012.
- SCHWARTZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.** 5<sup>a</sup> edição. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- WAIZBORT, Leopoldo. **A Passagem do 3 ao 1: crítica literária, sociologia e filologia.** São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Erich Auerbach sociólogo.** Tempo Social, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 61-91, junho de 2004.